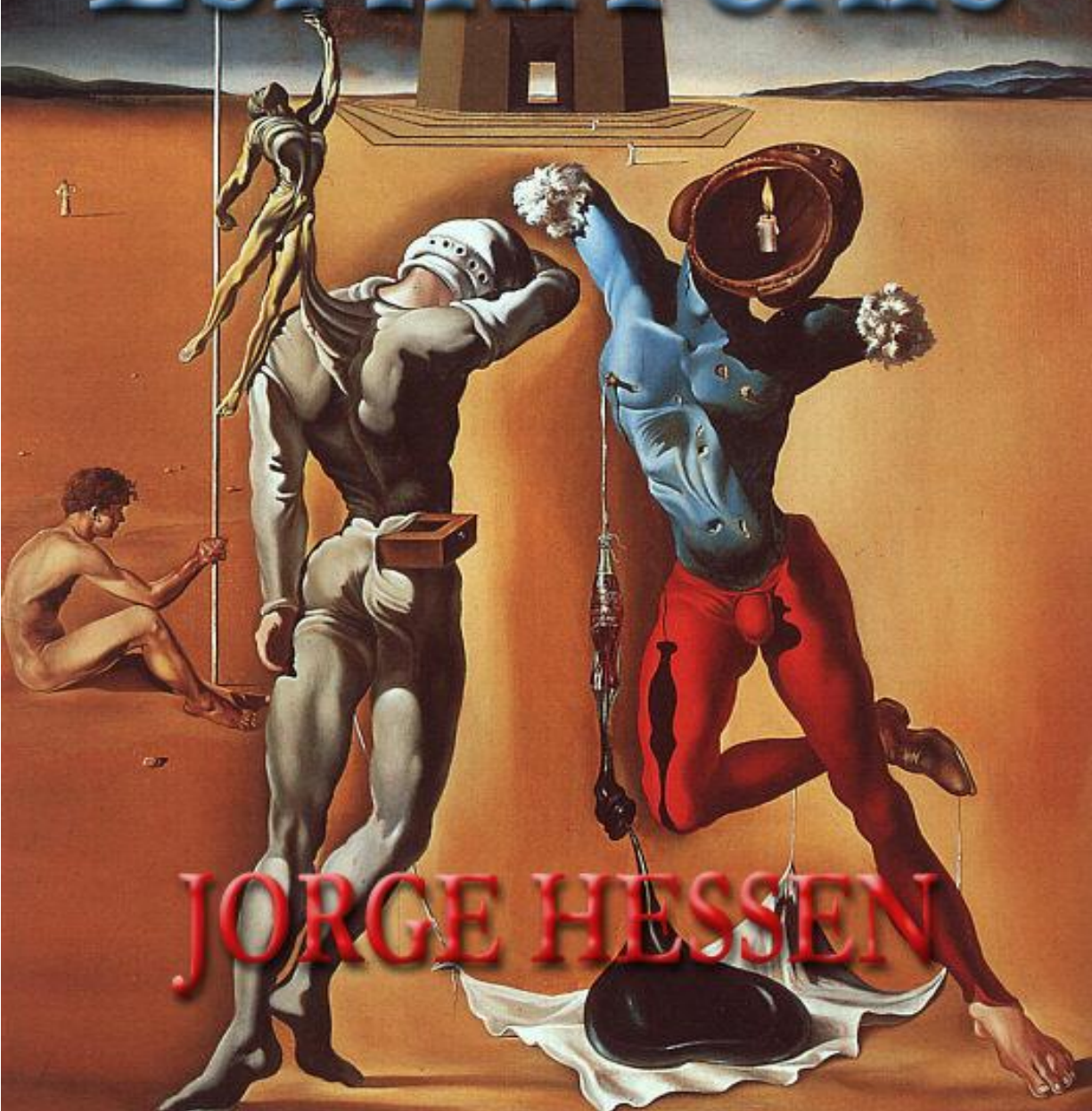


# ARRIMOS ESPIRITUAIS



JORGE HESSEN

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

# ARRIMOS ESPIRITUAIS

QUESTÕES DOUTRINÁRIAS  
À LUZ DO ESPIRITISMO

Jorge Hessen

2014

QUESTÕES DOUTRINÁRIAS  
À LUZ DO ESPIRITISMO

Jorge Hessen

Data da publicação: 23 de março de 2014

CAPA: Irmãos W.  
REVISÃO: Irmãos W.  
PUBLICAÇÃO: [www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)  
São Paulo/Capital  
Brasil



## **Dedicatórias**

Conhecem-se os legítimos idealistas pelas coesas opiniões que enunciam e Jorge Hessen representa um aguerrido escritor espírita da atualidade. Através dos seus estudos e pesquisas tem o contribuído para a divulgação dos mandamentos do Cristo sob a perspectiva espírita, confortando os homens que ignoram a verdadeira finalidade da presente reencarnação. (Irmãos W.)

## **Explicação preliminar**

Jorge Hessen, escritor espírita, analisa temas da atualidade tendo como objetivo a difusão da Doutrina Espírita, destacando na medida do possível os ditames da reencarnação e da imortalidade da alma.

Seus artigos sugerem melhor entendimento da vida imortal e devem ser apreciados por pessoas que não se contentam com superficialidade da vida regida pela tirania do materialismo.

\*

“A cada nova existência, o homem tem mais inteligência e pode melhor distinguir o bem e o mal”.

Allan Kardec "O Codificador da Doutrina Espírita"

\*

Fontes da consulta

A Luz na Mente » Revista on line de Artigos Espíritas

<http://jorgehessen.net/>

E.mail de contacto do autor

[jorgehessen@gmail.com](mailto:jorgehessen@gmail.com)

## Índice



Apresentação do Autor / 6



Prefácio / 8

## **Apresentação do autor**

Jorge Luiz Hessen nasceu no antigo Estado da Guanabara, atual Rio Janeiro, no dia 18 de agosto de 1951. Vive a vida inerente àqueles que vieram ao mundo a fim de despertar para um projeto mais alto, acima dos prazeres da Terra. Teve uma infância pobre, de pais separados, com mais dois irmãos. Na juventude teve seu primeiro

contato com fatos da mediunidade através de uma incorporação de seu irmão mais novo. Ficou impressionado, pois sabia que o irmão seria incapaz de dissimular um fenômeno de tal magnitude. Aquele episódio o levaria, mais tarde, a chegar às portas dos princípios codificados por Allan Kardec.

Aos 20 anos de idade ingressou, por concurso, no serviço público, onde até hoje permanece. Foi durante 5 anos diretor do INMETRO no Estado de Mato Grosso. Executou serviços profissionais junto à Universidade de Brasília, durante 4 anos, na condição de coordenador de provas práticas de concursos públicos realizados pelo CESP.

Consociou-se com Maria Eleusa aos 26 anos de idade. É pai de quatro filhos, sendo uma das filhas (a mais velha) portadora de lesão cerebral. Na maturidade da vida teve oportunidade de fazer cursos superiores. Possui a Licenciatura de História e Geografia pelo UniCEUB (Centro Universitário de Brasília).

Sua vida espírita nesses mais de 30 anos de Doutrina perfez conteúdos de muitas faculdades. Participou da fundação de alguns centros espíritas em Brasília e Cuiabá-MT, onde teve publicado, em 1991, o livro "Praeiro - Peregrino da Terra do Pantanal". Começou seu trabalho de divulgação ainda jovem em todo DF. Engajou como articulista espírita, tornando-se sólido esse fato em Cuiabá, quando publicava "Luz na Mente", um periódico que veio satisfazer o seu ideal na Divulgação Espírita.

Foi redator e diretor do Jornal "União da Federação Espírita" do DF. Vinculado a vários órgãos divulgadores da Doutrina Espírita, a exemplo de "Reformador" da FEB, "O Espírita" do DF, "O Médium" de Juiz de Fora/MG e palestrante nos mais diferentes lugares de DF, tem a oportunidade de levar a mensagem espírita às cidades próximas de Brasília, como Anápolis, Cidade Ocidental e outras.

Sua diretriz inabalável continua sendo o compromisso de fidelidade a Jesus e a Kardec.

*Maria Eleusa de Castro (esposa de Jorge Hessen)*



## **Prefácio**



## **Luz na Mente entrevistou César Perri, Presidente da FEB**

### **Projeto “Começar pelo Começo”**

Antônio César Perri de Carvalho, presidente da Federação Espírita Brasileira, nasceu em Araçatuba (SP) e atualmente reside em Brasília (DF). Foi fundador de mocidade e de centro espírita, conselheiro e presidente da União Municipal Espírita de Araçatuba, diretor e presidente da USE – União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, secretário geral do Conselho Federativo Nacional e membro da Comissão Executiva do Conselho Espírita Internacional (CEI). Na entrevista que se segue, César Perri fala à revista A luz na Mente sobre os desafios que enfrentará para coordenar o Movimento Espírita Brasileiro.

A Luz na Mente – Considerando a disseminação do Evangelho com as fundações de “igrejas”, visitas e, sobretudo, intercâmbios epistolares de Paulo de Tarso com os “chefes” dos núcleos cristãos, pode-se identificar, nos primórdios do Cristianismo, um movimento organizado para a Unificação dos postulados da Segunda Revelação?

Antônio César Perri de Carvalho – Nós identificamos claramente, nos primeiros cristãos, um trabalho que nos serve de inspiração e que estamos estimulando presentemente. Guardadas as devidas proporções, acreditamos que haja semelhança entre o trabalho dos cristãos primitivos e o Espiritismo. A rigor, a Codificação Espírita tem pouco mais de cento e cinquenta anos e isso é um período de tempo muito curto. A Doutrina se apresenta como Cristianismo Redivivo e o Consolador Prometido, que restabeleceria a Verdade e ensinaria algumas coisas a mais. Dessa forma, percebemos que os trabalhos pioneiros dos cristãos nos servem de estímulos, sim!

Quando Paulo de Tarso reunia os interessados do Cristianismo para o estudo da mensagem de Jesus, considerando as condições da época, fazia visitas, estimulava o intercâmbio, levava orientação e praticava trabalhos mediúnicos. Observemos que na Carta aos Coríntios consta a necessidade de “ordem no culto”. Quando olhamos as necessidades dessa “ordem”, claramente é como se fosse orientação para prática mediúnica, certa disciplina. Ao final do trabalho, quando percebeu que não teria mais condições de visitar a todos, Paulo foi inspirado pelo Espírito Estevão para minutar as epístolas, ou seja, estimulou o contato próximo, direto; todavia também à distância. Identificamos aí a origem, vamos assim dizer, daquilo que hoje nós praticamos na imprensa espírita.

Essa era a razão predominante, o objetivo dele em ajudar, apoiar e orientar os primeiros agrupamentos cristãos, inclusive para a prática da caridade no verdadeiro sentido da palavra. Recordemos que existia entre eles muita solidariedade – dessa forma encontramos entre os primeiros cristãos as bases que inspiram o Movimento Espírita atual, com um detalhe fundamental: naquela época não existia hierarquia, não existia uma organização que preponderasse sobre outra; isso surgiu muito mais tardiamente, daí ser importante olharmos a vivência dos primeiros cristãos e verificarmos aquilo que aproveitamos como parte de reflexão e de orientação para o Movimento Espírita atual.

A Luz na Mente – Allan Kardec comenta no item 334, Cap. XXIX, do Livro dos Médiuns, que a formação do núcleo da grande família espírita um dia consorciaria todas as opiniões e uniria os homens por um único sentimento: o da fraternidade. Estaria aqui o Codificador formulando alguma programação doutrinária visando a unidade dos espíritas por intermédio de instituições colegiadas?

Antônio César Perri de Carvalho – Allan Kardec trabalhou exatamente a ideia colegiada, e fala da fundamentação, do vínculo da fraternidade. Mas percebemos, igualmente, em “Obras Póstumas”, que ele nos orienta sobre o funcionamento das instituições. Anota sobre uma comissão não centralizada numa única pessoa e essa experiência que nos sugere foi uma ideia que serviu de referência para a atualidade. Notemos que a noção de presidencialismo, não só na questão político-partidária, como ocorre no Brasil, mas igualmente nas instituições espíritas, é um presidencialismo que às vezes excede o conceito do termo presidencialismo em si; muitas vezes chega a se confundir com o autoritarismo. Allan Kardec chega a propor que as decisões institucionais sejam colegiadas; que se discuta, que se troquem ideias, e nós estamos vivenciando essa experiência aqui na FEB. Desde que assumimos primeiramente de forma interina em maio de 2012, e atualmente eleito, trabalhamos em conjunto com todos os diretores da FEB, fazendo reuniões com periodicidade muito curta e tratamos todos os assuntos e decidimos em nível de diretoria. Entendo que é uma experiência enriquecedora, facilita a tomada de decisões e evita, às vezes, determinadas tendências pessoais.

A Luz na Mente – Qual a diferença essencial entre Espiritismo e Movimento Espírita?

Antônio César Perri de Carvalho – O Espiritismo é a doutrina propriamente dita, composta pelas Obras Básicas e as chamadas obras complementares, que mantêm coerência com a Codificação, ou seja, o Espiritismo é a mensagem e a proposta. O Movimento Espírita é a ação; é realizado pelos encarnados. De maneira muito objetiva, Allan Kardec registrou na obra "A Gênese", Capítulo I, que o Espiritismo é de origem divina em face da ação dos Espíritos. Contudo, a concretização doutrinária se faz através dos homens, contributo da

participação dos encarnados. Leon Denis, da mesma forma anota que o Movimento Espírita é de responsabilidade dos seres encarnados. Do exposto, e com base na Doutrina Espírita, temos que partir para a ação, e isso se efetiva no dia a dia, por isso somos os responsáveis pelas opções e atos. A decisão de agir ou não é nossa, dos encarnados, então o Movimento Espírita compete aos encarnados.

A Luz na Mente – Os princípios institucionalizados da Unificação inibem o ideário da União espontânea entre os espíritas?

Antônio César Perri de Carvalho – A rigor, não. Em 1949 foi definido através do Pacto Áureo um itinerário de ação, dando origem ao CFN – Conselho Federativo Nacional, que é composto pelas entidades federativas estaduais com base na obra de Allan Kardec. Hoje em dia, dentro do contexto da idéia de união e de unificação, podemos perfeitamente estabelecer propostas de união e de parceria entre várias instituições, somando esforços, e portanto não há necessidade, desde que haja propósitos comuns, de ficarmos na dependência de conceitos antigos de controles. Essa é a ideia.

A Luz na Mente – O Pacto Áureo ainda pode ser avaliado como o grande marco da Unificação?

Antônio César Perri de Carvalho – Pode ser considerado, sim, pois ele é genérico. Ele define a obra de Allan Kardec e decide também com base na obra “Brasil Coração do Mundo”. Os membros do Pacto chegaram à conclusão que o livro Brasil do Mundo Pátria do Evangelho mostrava qual seria a missão do Espiritismo no Brasil e qual a missão espiritual do Brasil também. É esse o roteiro que ele oferece. O Pacto não entra em detalhamentos, mas fala da União e criou o Conselho Federativo Nacional. Para o CFN funcionar ele foi primeiramente introduzido no Estatuto da FEB. Com a instalação do CFN, a área federativa da FEB é corporificada com a ação do CFN – é importante que saibamos disso. Então o CFN é que traz a orientação geral e define planos para o Movimento Espírita Nacional. Esse Conselho é presidido pelo presidente da FEB, mas é integrado pelas representações dos 27 estados.

A Luz na Mente – Quais os grandes desafios vistos para o Movimento Espírita brasileiro?

Antônio César Perri de Carvalho – Nós estamos vivendo vários desafios. A ideia de difundirmos o Espiritismo, na sua pureza, é um grande desafio, pois, como ficou claro, de várias orientações de Allan Kardec, sempre haveria alguma tendência natural de se valorizar pessoas, de se personalizar, e com isso, o que nós assistimos atualmente é que há uma diferença entre a proposta de Kardec e algumas práticas. Por exemplo, na Apresentação de O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec explica que optou por não colocar o nome dos médiuns junto às mensagens e apenas colocou o nome dos Espíritos, a cidade e a data. Para Kardec era mais importante o conteúdo das mensagens do que o nome do médium. Infelizmente, notamos que hoje em dia muitas pessoas, antes de ler o texto, querem saber primeiro quem é o médium, ou seja, inverte-se a situação.

Urge buscar-se mais a coerência doutrinária e maior compatibilidade com a base da Codificação ao invés de ficarmos exaltando ou levantando fileiras em torno de médiuns A,B,C ou D, ou seja, temos que somar, independente de quem seja o médium, desde que a mensagem tenha coerência e esteja fundamentada nas obras de Kardec; esse é o grande desafio.

A Luz na Mente – Recentemente, um espírita latino-americano participou de um evento doutrinário realizado no Brasil, e o mesmo nos confidenciou que a coordenação do tal movimento “doutrinário” proíbe aos seus membros quaisquer contatos com espíritas não integrantes do grupo. Qual a sua opinião sobre esse procedimento de tais coordenadores?

Antônio César Perri de Carvalho – Essa postura é lamentável, pois em primeiro lugar ela fere a Constituição brasileira sobre o direito de ir e vir, ou seja, nenhuma pessoa pode ser impedida de se manifestar ou transitar no país. Em segundo lugar, ela não é uma proposta respaldada no Espiritismo, porque a Doutrina respeita, com base em Jesus, as diversidades e distintas realidades das pessoas, então, se eventualmente um de nós tiver uma visão ou interpretação doutrinária diferente, não podemos impedir que outro tenha a oportunidade de dialogar, conversar ou manifestar opções; caso contrário, seria um retorno a um processo, de certa forma, inquisitorial.

A Luz na Mente – O modelo federativo foi idealizado por mentes superiores, não temos dúvidas. O crescimento do Espiritismo gera distorções e perda na qualidade da mensagem e da prática espírita – é fato – fenômeno sociologicamente explicável. Boa parte dos dirigentes de casas espíritas nem sempre valorizam as ações dos órgãos de Unificação, atribuindo-lhes caráter meramente administrativo, burocrático, com pouco sentido prático. Considerando a sua larga experiência doutrinária, seja como fundador de mocidade espírita, conselheiro e presidente da União Municipal Espírita de Araçatuba, membro fundador de centro espírita, diretor e presidente da USE (União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo) e por fim presidente da Federação Espírita Brasileira, quais as ações que pretende desenvolver para aproximar a FEB das casas Espíritas?

Antônio César Perri de Carvalho – Reportarei a minha primeira experiência. Quando era muito jovem, assumi a presidência da União Municipal Espírita de Araçatuba – órgão da USE- São Paulo. Naquele momento batalhei contra essas dificuldades, porque o Movimento de Unificação era recente, tinha apenas 20 anos (pós Pacto Áureo). Nessas condições, havia certa confusão entre as lideranças espíritas, sobretudo de qual seria a função do órgão unificador. Alguns tinham receio de que seria um órgão controlador ou fiscalizador. Por outro lado, havia muitas pessoas (jovens) no Movimento de Unificação, que pensavam também assim, e ocorriam muitos conflitos.

As reuniões eram simplesmente administrativas, então quando assumimos a presidência da UMEA, dentro desse contexto, tornamos as reuniões minimamente administrativas e preponderantemente voltadas para diálogos, para as propostas de ação, juntando esforços, de tal modo que conseguimos descentralizar, fazendo as reuniões em rodízios pelos centros espíritas da cidade. Aproveitamos experiências para que elas se tornassem coletivas.

Essa a ideia que, guardadas as devidas dimensões, ainda seguimos, embora atualmente exista uma abrangência gigantesca e um grau de complexidade muito maior, mas mantivemos essa postura para tornar mais dinâmicas as reuniões do CFN. Vejamos, conseguimos suprimir a leitura de relatórios, e hoje as federativas encaminham um relatório por meio de um formulário eletrônico – transferimos para um DVD e distribuímos; desse modo utilizamos o espaço reunião para

discutir planos de ação, e, assim avaliarmos situações que merecem discussão para o desenvolvimento espírita. Entendemos que esse seja o melhor caminho.

A Luz na Mente – Considerando que as sandálias de nosso Mestre Jesus sempre estiveram próximas aos necessitados e sofridos, e especialmente junto a esses irmãos em humanidade que Ele nos ofereceu provas de amor insuperáveis, e considerando que sobre a FEB repousam muitas esperanças, mas também expectativas, como atuará para se aproximar dos pobres e pouco instruídos na educação formal, dado que representam significativo extrato da sociedade brasileira?

Antônio César Perri de Carvalho – Essa é uma preocupação para a qual estamos procurando colocar a solução em prática. Há três anos consubstanciamos um projeto que se titulava “interiorização”, ou seja, estimulávamos a ação de representantes, diretores e colaboradores da FEB juntamente com uma federativa estadual para ir ao interior, não ficarmos só nas capitais. Assim, tive o prazer de conhecer duas cidades do interior do Amazonas, uma delas viajando de barco durante duas horas, justamente para ter o contato com a realidade da base. Um desses centros que visitamos não possuía luz elétrica. A nossa participação à noite foi através do clarão de uma fogueira, porque para eles era uma ocasião especial, pois normalmente usavam a luz de velas.

Após essa experiência (interiorização), começamos outros projetos que seriam implementados, que são as ações integradas de acolhimento, consolo, esclarecimento e orientação no centro espírita, porquanto concluímos também que aquela ideia de departamento ou setor, ou seja, muita burocracia, não seria efetiva, até porque a grande maioria dos centros espíritas do Brasil são casas simples e pequenas, não tendo espaço nem condições para tais trâmites.

Assim, começamos a trabalhar em torno de um projeto, uma ação, um acolhimento junto a essas pessoas simples, além da ideia de valorizar os centros humildes, periféricos, pequenos, que às vezes não têm condições de manter os custos, mas podem perfeitamente seguir esses passos de acolhimento, consolo e orientação.

Nós estamos caminhando nesse sentido e aí recorro de um companheiro nosso que foi muito feliz na confecção de um cartaz com a imagem da formiguinha. Ele fez a comparação com a formiga e que



nos remete a uma mensagem de Fenelon, no Cap. I do Evangelho Segundo o Espiritismo, onde o Espírito examina: “não são esses animálculos (formigas) que conseguem levantar o solo?” É a ideia do trabalho simples, mas persistente e em conjunto, isso que pretendemos disseminar.

A Luz na Mente – Suas palavras finais.

Antônio César Perri de Carvalho – As nossas palavras finais são de sugestão aos espíritas para que aproveitemos o momento que nós estamos vivendo, que é o período, segundo Emmanuel, de aferição de valores, e é um momento bastante delicado e sensível, porque nós temos os compromissos individuais e compromissos coletivos, e com relação ao Movimento Espírita, é muito importante lembrar o nosso trabalho respaldado no propósito de União, de concórdia e de benevolência recíproca. Então é isso que deve animar a nossa atuação conjunta no Movimento Espírita e no relacionamento com a própria sociedade.



**Kardec Ponto Com**

**Entrevistou Jorge Hessen**

KPC - O movimento espírita, em razão de sua missão, tem compromisso com a própria comunidade e com a sociedade em geral. Ele vem cumprindo bem essa missão?

HESSEN - Para o movimento cumprir a sua tarefa sócio-doutrinária, urge a difusão do Espiritismo na sua demonstração mais simples e isso tem sido um desafio. Pairam o egocentrismo, a idolatria e glorificação em torno de médiuns e oradores “carismáticos”.

Obviamente essa postura ingênua desdoura a proposta dos Espíritos. É forçoso, pois, esquadriñar a lógica e compatibilidade da difusão espírita com base na Codificação. Não se justifica o movimento espírita endeusar e sacralizar médiuns e oradores.

KPC - O caráter dialético e científico do Espiritismo, a nosso ver, sugere uma constante discussão dos seus métodos e até mesmo dos ensinamentos doutrinários. Por que deixaram de discutir a dinâmica da Doutrina dos Espíritos sob alegação de que toda a sua metodologia está pronta e acabada?

HESSEN - Concordamos. O Espiritismo é um compêndio de revelações composto de conceitos evolucionistas. Não se concebe o conhecimento doutrinário estacionado no tempo. Sua metodologia filosófica é de natureza dialética e se fundamenta na experiência (mediúcnica).

Entretanto, não esqueçamos que a metodologia “científica” espírita transcende aos métodos experimentais empregados pelos cânones da ciência acadêmica. O universo espiritual é matéria interdita nos intramuros acadêmicos. Os cientistas estão presos nas grilhetas dos interesses utilitários.

O homem de ciência não “perde” tempo na caça dos elos perdidos da reencarnação, da imortalidade, da comunicabilidade dos “defuntos”

KPC - Como o senhor analisa o atual sistema federativo e a sua contribuição para a unificação do ideal espírita?

HESSEN - O modelo federativo atual foi consubstanciado há mais de 60 anos, através do “Pacto Áureo” junto à Federação Espírita Brasileira, graças ao esforço e liderança de confrades do quilate moral de um Leopoldo Machado, um Lins de Vasconcellos, dentre outros.

Contudo, a contemporânea massificação da informação espírita tem provocado trágicas deformidades e prejuízos nas características simples da mensagem e do exercício do Evangelho. Há os que desvalorizam as ações dos órgãos de unificação, conferindo-lhes caráter puramente administrativo, burocrático, com precário sentido prático.

Talvez, em face dos dirigentes comprometidos com órgãos “unificadores” não compreenderem que o Espiritismo veio para o povo e com ele conversar. Por essa razão, recomendamos a tais dirigentes federativos o primado da simplicidade doutrinária, a fim de se evitar tudo aquilo que lembre castas, discriminações, evidências individuais, privilégios injustificáveis, imunidades ou prioridades.

KPC - Fala-se muito em “pureza doutrinária” dos ensinamentos espíritas. Em que consiste realmente essa pureza?

HESSEN - O termo “pureza doutrinária” só é aplicável ao movimento espírita, posto que aí se consolida (na prática) a teoria, a experiência e o emprego que se faz dos conceitos doutrinários na vida dos espíritas. “Pureza doutrinária nada mais é do que a observância dos métodos, rigores, teorias e padrões científicos no trabalho de investigação e incremento de novas informações”!

A confusão deriva do conceito de “pureza doutrinária” como artifício de estagnação.

A programação espírita não abriga “novidades” antes de se averiguar todos os seus juízos críticos de validade. A inclusão de novas informações e conhecimentos ao Espiritismo deve passar pelo crivo da razão e, quando, possível, da demonstração.

Não será aceitando, sem discernimento e lógica, opiniões esotéricas, métodos pseudocientíficos e inovações estranhas de todo o tipo que o Espiritismo vai se desenvolver.

KPC - Como está o movimento espírita no Distrito Federal?

HESSEN - Brasília, lamentavelmente, tem sido o laboratório de observações onde constatamos os mais inquietantes procedimentos de prática doutrinária. Confiamos, porém, que essa panorâmica modifique-se para melhor.

Acreditamos que sob a liderança do confrade Paulo Maia, atual presidente da Federação Espírita do Distrito Federal, o vagão doutrinário possa deslizar sobre os trilhos seguros, rumo à estação do bom senso.

KPC - O que a Confederação Espírita Pan-Americana tem a oferecer ao movimento brasileiro para uma melhor compreensão do pensamento kardequiano?

HESSEN - Admitimos ignorância sobre os embasamentos programáticos da CEPA, portanto, não conseguiríamos tecer comentários sobre seus desígnios.

KPC - Há realmente necessidade de se criar instituições de

estudos e pesquisas para desenvolver o aspecto científico do Espiritismo?

HESSEN - Nas atuais hostes espíritas não conseguimos divisar esse imperativo. Não obstante, acatar os frutos das pesquisas realizadas pelos saudosos e prodigiosos Hernani T. Santana e Hermínio Miranda, cremos que os admiráveis métodos científicos permaneceram em grande monta adstritos ao século 19.

Apesar do avanço do saber quântico nas academias, as pesquisas espíritas e metapsíquicas do passado, mormente na área dos efeitos físicos, são atualíssimas, satisfatórias e carecem ser melhores aproveitados para nossa reforma íntima, a fim de que futuramente façamos jus a novas informações do além.

KPC - Suas considerações finais, com o nosso sincero agradecimento.

HESSEN - Foi uma honra corresponder-me com os editores e leitores da gazeta digital Kardec Ponto Com.

As ponderações finais são de proposta aos espíritas para que não desconsideremos o momento de comprovada transição global que estamos passando, que é o período, segundo Emmanuel em “A Caminho da Luz”, de avaliação e seleção dos valores morais. Portanto, uma estação bastante grave, porque temos os compromissos individuais e pactos coletivos.

Com relação aos responsáveis pela condução do movimento espírita espírita, é muito importante avisar que a tarefa deve ser alicerçada no propósito de legítima união de corações, tendo como meta a “benevolência com todos, indulgência com as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”, segundo anota O Livro dos Espíritos, na questão 886.

“Brasília, lamentavelmente, tem sido o laboratório de observações onde constatamos os mais inquietantes procedimentos de prática doutrinária.

Confiamos, porém, que essa panorâmica modifique-se para melhor. “Acreditamos que sob a liderança do confrade Paulo Maia, atual presidente da Federação Espírita do Distrito Federal, o vagão doutrinário possa deslizar sobre os trilhos seguros, rumo à estação do

bom senso.”

João Pessoa (PB), Janeiro de 2014.

Carlos Antônio de Barros,

Jornalista responsável e secretário de redação.

DRT-PB / FENAJ 1938 - API 2290



## **Entrevista realizada pela Revista Semanal de Divulgação Espírita**

"A Doutrina Espírita é ciência, filosofia e religião. Se tirarmos a religião, o que é que fica?"

Manifestando grande conhecimento da Doutrina Espírita, o estudioso e colaborador desta revista Jorge Hessen concedeu-nos uma extensa e lúcida entrevista. Questões como religião, aborto, eutanásia, criminalidade e conduta dos espíritas foram abordadas por ele, que, originário do Rio de Janeiro, reside há muitos anos em Brasília (DF). Sobre o aborto, Hessen afirma que os governantes precisam ter consciência de que aqueles que são expulsos do grupo familiar, antes mesmo de nascerem, haverão de retornar, "porque eles não podem ser punidos pela nossa irresponsabilidade, mas seremos justificados na nossa irreflexão, através das leis soberanas da vida".

O Consolador: Havendo nascido no Rio de Janeiro, por que escolheu Brasília como seu domicílio?

Jorge Hessen: Minha transferência do Rio de Janeiro para Brasília ocorreu em face da necessidade de implantação dos serviços técnicos metrológicos no Distrito Federal, no final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Sou metrologista a serviço no antigo Instituto Nacional de Pesos e Medidas, atualmente INMETRO.

O Consolador: Qual a sua formação acadêmica?

Jorge Hessen: Sou formado e licenciado pelo MEC em Estudos Sociais UniCeub (ênfase em Geografia) e graduado e licenciado em História pela Universidade de Brasília (UnB).

O Consolador: Que cargos ou funções você já exerceu e exerce no movimento espírita?

Jorge Hessen: Além de escritor, sou articulista com publicações no

"Reformador", "O Médiun", "O Espírita", "Revista Internacional do Espiritismo", "O Imortal", entre outros. Exerci a função de Secretário e Diretor das Federações Espíritas do DF e Mato Grosso. Expositor espírita e membro da antiga Abrajee, colaboro com dezenas de Centros Espíritas do Estado de Goiás e do DF, através das exposições doutrinárias que faço.

O Consolador: Quando você teve contato com o Espiritismo? Houve algum fato ou circunstância especial que tenha propiciado esse contato inicial?

Jorge Hessen: Trilhei, no início da década de 1970, pela doutrina reformista da Igreja Batista Filadélfia, enquanto morava em Goiânia. Na época em que eu morava com minha mãe e irmãos, aconteceu um fato inédito para mim, quando um de meus irmãos, expressando-se de forma adversa à que costumava agir, me chamou a atenção, pois eu estava diante de uma manifestação mediúnica, que jamais havia presenciado antes. Conheci os postulados kardecianos na Comunhão Espírita de Brasília, através da leitura de "O Evangelho segundo Espiritismo", em 1973, e daí em diante jamais deixei de estudar a doutrina.

O Consolador: Qual foi a reação de sua família ante sua adesão à Doutrina Espírita?

Jorge Hessen: À época, foi positivo e estimulador o parecer de minha mãe, embora ela seja católica praticamente até hoje, aos 87 anos de idade, mas bastante acessível às mensagens espíritas.

O Consolador: Dos três aspectos do Espiritismo - científico, filosófico e religioso - qual é o que mais o atrai?

Jorge Hessen: Escrevi um texto sobre o esforço de alguns confrades desavisados para expulsar Jesus das nossas hostes. Por inacreditável que possa parecer, ainda encontramos irmãos "espíritas" que questionam o aspecto religioso da Terceira Revelação. Negam a excelsitude de Jesus com febril descontrole emocional, referindo-se ao Mestre, como se Ele fosse um homem vulgar. Se aceitamos os preceitos da Doutrina Espírita, não podemos negar-lhes fidelidade absoluta. Prevendo esses estranhíssimos movimentos em nossas casas espíritas, Chico Xavier, há 21 anos, advertia na Revista Internacional

do Espiritismo: "As falanges das trevas são muito poderosas, organizadas. O que elas desejam é expulsar Jesus do Espiritismo, e se tirarem Jesus do Espiritismo, este desaparecerá. Têm surgido, ultimamente, muitas práticas estranhas no movimento kardeciano. Estou alertando vocês porque eu tenho pouco tempo de vida e vocês devem defender esse tesouro". Posteriormente, numa entrevista concedida a confrades de Uberaba, Chico reafirmou: "Se tirarmos Jesus do Espiritismo, vira comédia. Se tirarmos Religião do Espiritismo, vira um negócio. A Doutrina Espírita é ciência, filosofia e religião. Se tirarmos a religião, o que é que fica? Jesus está na nossa vivência diária, porquanto, em nossas dificuldades e provações, o primeiro nome de que nos lembramos, capaz de nos proporcionar alívio e reconforto, é Jesus" (1). "Ciência sem religião é mito e religião sem ciência é superstição", eis outra afirmativa de Chico Xavier a respeito do assunto. Os argumentos em análise não devem ser tomados como excluindo a dimensão científica do Espiritismo. Conforme deixou claro, no desdobramento de suas pesquisas, Kardec compreendeu que tal dimensão não somente existia, mas constituía a base sobre a qual a filosofia espírita repousa. Os chamados "três aspectos" da Doutrina encontram-se inextricavelmente ligados. Talvez nem devêssemos utilizar essa expressão, porque pode induzir à idéia, errônea, de que estamos tratando de três elementos separados ou separáveis, que agrupamos apenas por conveniência.

O Consolador: Que autores espíritas mais lhe agradam?

Jorge Hessen: Sou emmanuelista de carteirinha. Adoro tudo que Emmanuel escreveu.

O Consolador: Que livros espíritas que tenha lido você considera de leitura indispensável aos confrades iniciantes?

Jorge Hessen: Cremos ser O Evangelho segundo o Espiritismo a obra mais indicada aos que se iniciam na doutrina, e, por isto, sempre o recomendamos.

O Consolador: Se você fosse passar alguns anos num lugar remoto, com acesso restrito às atividades e trabalhos espíritas, que livros pertinentes à Doutrina Espírita você levaria?

Jorge Hessen: Com certeza, todos os de Allan Kardec. Não abriria



mão disso. Depois, como somatório, as consagradíssimas obras de Emmanuel, como "A Caminho da Luz", "O Consolador" e a coleção "Nosso Lar", de André Luiz. Nesse trio de ouro, temos um patrimônio valiosíssimo para o espírito, capaz de nos acompanhar por várias encarnações.

O Consolador: Um tema que suscita geralmente debates acalorados diz respeito à obra publicada na França por J. B. Roustaing. Qual é sua apreciação dessa obra?

Jorge Hessen: Não somos nem poderíamos ser roustainguista, pois não conhecemos, na íntegra, a obra que Roustaing compilou. Destarte, o bom senso nos sussurra que não devemos tecer comentários sobre quaisquer assuntos sobre os quais não tenhamos amplo domínio.

O Consolador: Outro assunto em que a prática espírita às vezes diverge está relacionado com os chamados passes padronizados, propostos na obra de Edgard Armond. Embora saibamos que em nosso País a opção da maioria seja pela imposição das mãos tal como recomenda J. Herculano Pires, qual é sua opinião a respeito?

Jorge Hessen: Não recomendo aplicação do passe com gesticulações estranhas ao seu objetivo. Uma simples imposição de mãos é o suficiente para se obter o resultado almejado, lembrando, ainda, que um médium, não possuindo as mãos ou os braços, pode perfeitamente aplicar o passe, pois os fluidos são elaborados pela prece e projetados por intermédio da mente. O efeito do passe não resulta da técnica adotada na sua aplicação, mas sim do propósito do médium passista de praticar a caridade e aliviar o sofrimento do paciente.

O Consolador: Como você vê a discussão em torno do aborto? Os espíritas deveriam ser mais ousados na defesa da vida como tem feito a Igreja?

Jorge Hessen: Certa vez escrevi que não se pode admitir que pequena parcela da população brasileira, constituída por alguns intelectuais, políticos e profissionais dos meios de comunicação, venha a exercer tamanha influência na legislação brasileira em oposição à vontade e às concepções da maioria do povo, contrariando

a própria Carta Magna de 1988. Creio que há uma certa acomodação dos espíritas. Poderíamos agir com mais rigor, para incomodar os abortistas de plantão. Os seres que são eliminados pela interrupção no corpo voltarão à família delituosa, quase sempre em um corpo estranho, gerado em um ato de sexualidade irresponsável. Por uma concepção de natureza inditosa, volverão até os delituosos, na condição de deserdados, não raro como delinquentes. Se muitos tribunais do mundo não condenam a prática do aborto, as Leis Divinas, por seu turno, atuam inflexivelmente sobre os que, alucinadamente, o provocam. Fixam essas leis, no tribunal das próprias consciências culpadas, tenebrosos processos de resgate que podem conduzir ao câncer e à loucura, agora ou mais tarde. A literatura espírita é pródiga em exemplos sobre as consequências funestas do aborto delituoso, que provoca na mulher graves desajustes perispirituais, a refletirem-se no corpo físico, na existência atual ou futura, na forma de seriíssimas doenças cármicas. É óbvio que não estamos lançando condenação àqueles que estão perdidos no corredor escuro do erro já consumado, até para que não caiam na vala profunda do desalento. Expressamos idéias, cujo escopo é iluminá-los com o farol do esclarecimento, para que enxerguem mais adiante, optando por trabalhar em prol dos necessitados e, sobretudo, numa demonstração incontestada de amor ao próximo, adotando filhos rejeitados que, atualmente, amontoam-se nos orfanatos. Para quem já errou, convém lembrar o seguinte: errar é aprender, mas, ao invés de se fixarem no remorso, precisam aproveitar a experiência, como uma boa oportunidade para discernimento futuro.

O Consolador: A eutanásia, como sabemos, é uma prática que não tem o apoio da Doutrina Espírita. Kardec e outros autores, como Joanna de Ângelis, já se posicionaram sobre esse tema. Surgiu, no entanto, ultimamente a idéia de ortotanásia, defendida até mesmo por médicos espíritas. Qual a sua opinião a respeito?

Jorge Hessen: Muitos médicos revelam que eutanásia é prática habitual em UTIs do Brasil, e que apressar, sem dor ou sofrimento, a morte de um doente incurável é ato frequente e, muitas vezes, pouco discutido nas UTIs dos hospitais brasileiros. Apesar de a Associação de Medicina Intensiva Brasileira negar que a eutanásia seja frequente nas UTIs, existem aqueles que admitem razões mais práticas, como, por exemplo, a necessidade de vaga na UTI, para alguém com chances

de sobrevivência, ou a pressão, na medicina privada, para diminuir custos. Nos Conselhos Regionais de Medicina, a tendência é de aceitação da eutanásia, exceto em casos esparsos de desentendimentos entre familiares, sobre a hora de cessar os tratamentos. Médicos e especialistas em bioética defendem, na verdade, um tipo específico de eutanásia, a ortotanásia, que seria o ato de retirar equipamentos ou medicações, de que se servem para prolongar a vida de um doente terminal. Ao retirar esses suportes de vida, mantendo apenas a analgesia e tranquilizantes, espera-se que a natureza se encarregue da morte. A eutanásia vem suscitando controvérsias nos meios jurídicos, lembrando, no entanto, que a nossa Constituição e o Direito Penal Brasileiro são bem claros: constitui assassínio comum. Nas hostes médicas, sob o ponto de vista da ética da medicina, a vida é considerada um dom sagrado e, portanto, é vedada ao médico a pretensão de ser juiz da vida ou da morte de alguém. A propósito, é importante deixar consignado que a Associação Mundial de Medicina, desde 1987, na Declaração de Madrid, considera a eutanásia como sendo um procedimento eticamente inadequado. No aspecto moral ou religioso, sobretudo espírita, lembremos que não são poucos os casos de pessoas desenganadas pela medicina, oficial e tradicional, que procuram outras alternativas e logram curas espetaculares, seja através da imposição das mãos, da fé, do magnetismo, da homeopatia ou mesmo em decorrência de mudanças comportamentais. Criaturas outras, com quadros clínicos de doenças incuráveis, uma vez posto o magnetismo em atividade, também conseguem reverter as perspectivas de uma fatalidade, com efetivas melhoras, propiciando horizontes de otimismo para suas almas. Não cabe ao homem, em circunstância alguma, ou sob qualquer pretexto, o direito de escolher e deliberar sobre a vida ou a morte de seu próximo, e a eutanásia ou mesmo a ortotanásia, essa falsa piedade, atrapalha a terapêutica divina, nos processos redentores da reabilitação. Nós, espíritas, sabemos que a agonia prolongada pode ter finalidade preciosa para a alma e a moléstia incurável pode ser, em verdade, um bem. Nem sempre conhecemos as reflexões que o Espírito pode fazer nas convulsões da dor física e os tormentos que lhe podem ser poupados graças a um relâmpago de arrependimento. Dessa forma, entendamos e respeitemos a dor, como instrutora das almas e, sem vacilações ou indagações descabidas, amparemos quantos lhes experimentam a presença constrangedora e educativa, lembrando sempre que a nós compete, tão-somente, o dever de servir, porquanto a Justiça, em

última instância, pertence a Deus, que distribui conosco o alívio e a aflição, a enfermidade, a vida e a morte, no momento oportuno. O verdadeiro cristão porta-se, sempre, em favor da manutenção da vida e com respeito aos desígnios de Deus, buscando não só minorar os sofrimentos do próximo - sem eutanásias/ortotanásias, claro! - mas também confiar na justiça e na bondade divina, até porque nos Estatutos de Deus não há espaço para injustiças. "Somos responsáveis pela situação em que o mundo se encontra"

O Consolador: O movimento espírita em nosso país lhe agrada ou falta algo nele que favoreça uma melhor divulgação da Doutrina?

Jorge Hessen: Sinceramente? Quando pensamos nos milhares de espíritas de pouca cultura, humildes e materialmente pobres, porém verdadeiros vanguardeiros da Terceira Revelação; quando imaginamos que o edifício doutrinário se mantém firme em face do amor desses lídicos baluartes do Evangelho, impossível não nos entristecermos quando se trombeteiam em nossas hostes os excessos de consagração das elites culturais. Certa vez escrevi que a presença do elitismo nas atividades doutrinárias acaba por nos expor à dogmatização dos conceitos espíritas, na forma de Espiritismo para pobres, para ricos, para intelectuais, para incultos. É necessário que os dirigentes espíritas, principalmente os ligados aos órgãos unificadores, compreendam e sintam que o Espiritismo não surgiu, apenas, para os espíritas, mas para a humanidade e com ela dialogar. É indispensável que estudemos a Doutrina Espírita junto com as massas, que amemos a todos nossos irmãos, mas sobretudo aos espíritas mais humildes, social e intelectualmente falando, e deles nos aproximarmos com real espírito de compreensão e fraternidade. Portanto, devemos primar pela simplicidade doutrinária e evitar tudo aquilo que lembre castas, discriminações, evidências individuais, privilégios injustificáveis, imunidades, prioridades.

O Consolador: Como você vê o nível da criminalidade e da violência que parece aumentar em todo o país, e como nós, espíritas, podemos cooperar para que essa situação seja revertida?

Jorge Hessen: O índice de criminalidade e de violência, no mundo todo, cresce assustadoramente, não temos a menor dúvida, pois os canais de informação de que dispomos, insistentemente, veiculam os fatos e as causas de tais barbáries. Esse é um problema muito

complexo, mas é uma situação que pode ser revertida, não apenas por nós, espíritas, mas por uma ação conjunta, onde todos aqueles que se dizem cristãos podem colaborar para uma sociedade mais igualitária, mais justa. Outro fato crítico é que assimilamos subliminarmente as tais informações e, no cotidiano, reagimos violentamente, muitas vezes, perante os reveses da vida ou perante as contrariedades. Condenamos a violência alheia, e no nosso dia-a-dia, ao invés de agirmos de forma pacífica e fraterna, somos como que andróides, reagindo sempre de acordo com o que motivou a nossa reação. Somos autômatos sem nos apercebermos. Temos a nossa parcela de responsabilidade perante a sociedade, porque diante da indiferença ao defrontarmos com as crianças de rua, rejeitarmos até seus pedidos com irritação, fazemos de conta que ali não está um ser sem esperança de um futuro melhor, ou outras situações como mães desprovidas do essencial para acolher seus filhos, muitas vezes usando-os como ferramentas para ganhar uns trocadinhos. Diante das péssimas condições em que a Educação brasileira se encontra, diante da imensa dificuldade de lograr um emprego, da falta de habitação, das condições de vivenciar a cidadania, observamos e chegamos à conclusão de que todos somos responsáveis por este quadro assustador. Temos que ter consciência de que o governo precisa fazer aquilo que lhe compete, mas a transformação desse caos exige que cada um de nós faça a sua parte e envide esforços com fraternidade, sinceridade, a fim de termos uma realidade mais promissora e feliz. Há dois mil anos Jesus de Nazaré trouxe à humanidade um código de conduta, que daria ao homem a felicidade. Essa diretriz que Jesus deixou na Terra é a garantia da paz, da felicidade, do bem-estar social. Contudo, o homem perdeu-se no meio das suas lutas, do egoísmo, do orgulho, da violência, ignorou tal diretriz e, hoje, confronta-se consigo próprio, numa mistura explosiva de intranquilidade interior e gargalhadas descontroladas. Jamais o homem conquistou tantas coisas na ciência como nos dias atuais, porém nunca caminhou tão vagarosamente em busca de sua espiritualização. São as contradições da vida contemporânea. Esse homem velho, que carrega dentro de si, ao longo das várias existências, experiências violentas, vê-se hoje a braços com uma dualidade muito intensa: os hábitos enraizados no passado, nas vidas anteriores, onde semeou essa violência, e a colheita, hoje, na sua vida, já que somos o somatório das nossas vidas pretéritas. O Espiritismo, demonstrando a imortalidade da alma, através dos fatos mediúnicos, aponta, também, que existe uma lógica

para a vida e que cada um colhe, dela, aquilo que semeia ou semeou outrora, dentro da lei de ação e reação, onde cada ato, positivo ou negativo, irá repercutir invariavelmente em nós, trazendo-nos paz ou tormento interior. É claro que quem estuda o Espiritismo e pratica seus preceitos vê-se melhor instrumentalizado para a vida em sociedade, nestes tempos atribulados, encontrando conceitos lógicos e racionais para o entendimento da vida, numa visão evangélica da mesma. Assim sendo, os postulados espíritas são antídotos para a violência, visto que quem o conhece sabe que não poderá eximir-se de suas responsabilidades sociais, ciente de que seu futuro será decorrência do presente. Aquele que conhece o Espiritismo sabe, ainda mais, que terá de se modificar moralmente, se quiser ter mais harmonia íntima. O Espiritismo, no seu aspecto tríplice, resgata as verdades que Jesus ensinou, clareando o raciocínio, interpretando-as com mais lógica e atualidade dentro dos enfoques da pluralidade das existências, que, cada vez mais, vai sendo uma realidade nos centros de pesquisas desatrelados dos dogmas religiosos em torno do estudo da personalidade humana. Precisamos cultivar a compaixão, a generosidade que se conjuga no ato de dar as coisas, para aportar na atitude de olvidarmo-nos espontaneamente em favor do próximo. Aprendamos a orar e meditar, porque quem não tem o hábito de introjetar o pensamento, pela meditação, não se conhece a si mesmo, e nesse exercício teremos autoridade para soltar as estóicas vozes inarticuladas emitidas por quem sente alegria espiritual, como o fez Paulo: "Já não sou quem vive, mas o Cristo vive em mim...". Torna-se imprescindível praticarmos o Evangelho nos vários setores do campo social, contribuindo com a parcela de mansidão para pacificá-la, até porque todos desencarnaremos um dia, mas a forma de nos comportarmos dentro do limite berço-túmulo é da nossa livre opção, e haveremos de alcançar a iluminação íntima com o ato de desejar, movidos pela fé raciocinada, consoante propõe "O Consolador". "O Século XX foi o século mais sangrento de todos"

O Consolador: A preparação do advento do mundo de regeneração em nosso planeta já deu, como sabemos, seus primeiros passos. Daqui a quantos anos você acredita que a Terra deixará de ser um mundo de provas e expiações, passando plenamente à condição de um mundo de regeneração, em que, segundo Santo Agostinho, a palavra "amor" estará escrita em todas as frentes e uma equidade perfeita regulará as relações sociais?

Jorge Hessen: Não podemos estabelecer tempo cronológico para afirmar que a Terra será um planeta de regeneração. A evolução dos mundos habitados ocorre no mesmo ritmo da dos seres que habitam em cada um deles. Na condição de expiação e provas, a Terra viveu e vive época de lutas amargas. Desde os primeiros anos deste século, a guerra se aninhou com caráter permanente em quase todas as regiões do planeta. A Liga das Nações, o Tratado de Versalhes, bem como todos os pactos de segurança da paz, não têm sido senão fenômenos da própria guerra, que somente terminarão com o apogeu dessas lutas fratricidas, no processo de seleção final das expressões espirituais da vida terrestre. O Século XX, recentemente findo, foi, sem dúvida, o século mais sangrento de todos. Após a Segunda Guerra Mundial, já tivemos 160 conflitos bélicos e 40 milhões de mortos. Se contabilizarmos desde 1914, estes números sobem para 401 guerras e 187 milhões de mortos, aproximadamente. Percebemos que há um grande número de pessoas aderindo às sugestões do mal, por simples ignorância. Estas serão renovadas no desdobramento de suas experiências, particularmente com a magna dor, em reencarnações regeneradoras. O problema maior está com aqueles em que o mal predomina nas entranhas de seus corações, o que constitui uma minoria. Estes, pela lei da seleção natural dos valores morais, serão expurgados do nosso convívio, assim que houver chegado a hora. Temos a impressão de que os atos violentos, praticados por mentes insanas, banalizam-se no curso do tempo, mas, apesar de essa violência sufocar, confundir, assustar e cercear o homem na sua liberdade de ir e vir, nunca se viram, em todos os tempos, tantas pessoas boas e pacíficas mobilizarem-se em prol de programas assistenciais aos irmãos menos afortunados, trabalhando voluntariamente por um mundo melhor e mais justo e com total desprendimento e espírito cristão. A Terra está entrando em uma fase de transição para mundo de regeneração, obedecendo às leis naturais de evolução. Mensagens da espiritualidade que nos vêm sendo transmitidas no movimento espírita, desde o final do Século XX, têm confirmado tal fato, e o homem não há como vetar os decretos de Deus. Percebe-se que, atualmente, tudo está se transformando muito rapidamente, trazendo mais conforto e melhor qualidade de vida ao habitante da Terra. A dor física está, relativamente, sob controle; a longevidade ampliada; a automação da vida material está cada vez maior, em face da tecnologia fascinante, especialmente na área da

comunicação e informática. Quando poderíamos imaginar, por exemplo, há 50 anos, o potencial da Internet? Neste Século XXI, o planeta passará por um processo acelerado de transformação. É com muito otimismo que percebemos, no tecido social contemporâneo, a gestação de vários investimentos, envolvendo cientistas, filósofos, religiosos e educadores que se inclinam para a formulação de um mundo renovado. Busca-se um novo conceito do homem e um novo ideal de sociedade, alicerçados em paradigmas revolucionários da Nova Física. Se atentarmos apenas para a Informática e para a Medicina, enquanto fatores de progresso humanos a benefício de toda a Humanidade, perceberemos que Deus autorizou os Espíritos Protetores fazerem aportar, na Terra, os admiráveis avanços científicos que alcançamos. A transição de uma categoria de mundo, para outra, não se processa sem abalos, pois toda mudança gera conflitos. Há um momento em que o antigo e o novo se confrontam, estabelecendo a desordem e uma aparência de caos. A vulgarização universal do Espiritismo dará em resultado, necessariamente, uma elevação sensível do nível moral da atualidade. Fugindo-se da paranóia de datação do advento do Mundo de Regeneração, se quisermos atuar verdadeiramente, auxiliando o surgimento de um mundo melhor, tratemos de trabalhar incansavelmente pela divulgação das idéias espíritas, corrigindo as distorções (facilmente observadas) no rumo do movimento que abraçamos, a fim de que os condicionamentos adquiridos em outros arraiais religiosos não venham a contaminar nossa ação, pela também intromissão de atitudes dogmáticas e intolerantes. Para habitar um mundo regenerado, mister se faz que o mereçamos. Para tanto, urge que pratiquemos a caridade, não restrita apenas à esmola, mas que abranja todas as relações com os nossos semelhantes. Assim, perceberemos que a caridade é um ato de relação (doação total) para com os nossos semelhantes. Desta forma, estaremos atendendo ao chamamento do Cristo, quando disse: "Amarás o senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este é o maior e o primeiro mandamento. E aqui tens o segundo, semelhante a esse: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. - Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos".

O Consolador: Em face dos problemas que a sociedade terrena está enfrentando, qual deve ser a prioridade máxima dos que dirigem atualmente o movimento espírita no Brasil e no mundo?



Jorge Hessen: Reenfaticamos o que respondemos há pouco. cremos que a presença do elitismo nas atividades doutrinárias vai expondo-nos à dogmatização dos conceitos espíritas, na forma de Espiritismo para pobres, para ricos, para intelectuais, para incultos. Isto é uma tendência mundial. É o que temos observado. Há uma desenfreada tendência à elitização no seio do movimento espírita. Ora, o Espiritismo veio para todos. É indispensável que o divulguemos nas massas mais humildes, social e intelectualmente falando, e delas nos aproximarmos. Do jeito que a coisa está caminhando, em pouco tempo estaremos, em nossas casas espíritas, apenas falando e explicando o Evangelho de Cristo às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais. Preocupam-nos bastante os eventos grandiosos pagos (à guisa de colaboração NUNCA espontânea). Os atuais dirigentes precisam refletir melhor sobre o exacerbado elitismo. Os eventos gratuitos devem ser realizados, obviamente, mas urge considerar que esses simpósios sejam estruturados sobre programação aberta a todos e de interesse da doutrina, não para ser uma ribalta de competição para intelectuais com titulação acadêmica, como um "passaporte" para traduzirem "melhor" os conceitos kardecianos. Sinceramente, não consigo compreender o Espiritismo sem Jesus e sem Kardec para todos, com todos e ao alcance de todos, a fim de que o projeto da Terceira Revelação alcance os fins a que se propõe.

#### Referências bibliográficas:

- (1) Texto disponível em: <http://www.Espírito.org.br>
- (2) <http://www.oconsolador.com.br/17/entrevista.html>



## **Amor, ciúme e paixão - algumas considerações cristãs**

Por que homens e mulheres são capazes de transformar o Amor, o mais sublime dos sentimentos, em combustível de um crime? Será crível que uma pessoa possa matar por Amor? Será o crime passionai um tipo de reação violenta ao fim do “Amor”? Qualquer pessoa que se apaixone pode ter uma reação passionai, pois a paixão é um sentimento intrínseco do ser humano. Contudo, isso pode ser perfeitamente controlado. Numa violência passionai, perde-se a razão e, por via de consequência, o controle de si mesmo. Indubitavelmente, a paixão nos torna agressivos e perigosos. É a erupção do lado primitivo do ser, e muitos são passíveis disso quando não vigiam os sentimentos. Uma coisa, no entanto, é certa: a sensação de posse é a causadora da maioria das tragédias passionais.

Para os espíritas, o crime passionai pode ser definido como um processo de obsessão ou possessão anímica, isto é, o criminoso é subjugado por entidade desencarnada ou por sua personalidade arcaica, em razão da falência de sua personalidade atual no cipoal e delírio das sensações inferiores. Os crimes de “Amor” nada têm a ver com o Amor. A rigor, são consequências de desregramentos sensoriais, com perda do equilíbrio emocional e perturbações espirituais. As Obsessões estão relacionadas à ansiedade criada em resposta a uma situação muito estressante, esmagadora e dolorosa. A frustração Amorosa e o consequente sentimento de perda, de autodesvalorização, criam perturbações obsessivas e um transtorno de Amor obsessivo vinculados a um ciúme patológico. A necessidade obsessiva cria mecanismos e estratégias para seduzir o outro, originando numa atração fatal que busca a possessão de forma a incluir o outro em sua própria vida, tentando o máximo de controle, pois a falta deste irá provocar intensa dor. Podem ocorrer manifestações de ciúmes patológicos onde as conexões entre fantasias e realidades se perdem, facilitando episódios psicóticos em que a ação se torna real. A pessoa propensa a um Amor obsessivo tem dificuldades de relacionamento saudável, ligando-se a comportamentos complicados, repletos de brigas, desconfianças e

ciúmes, muitas vezes com desfechos tensos e violentos. O transtorno obsessivo compulsivo é um distúrbio debilitante e destrutivo. No entanto, ele pode ser minimizado com a terapia medicamentosa e psicoterapia cognitivo-comportamental e pelos recursos espíritas da desobsessão.

O ciúme (1) voraz é o grande motivo de muitas dores morais. Em verdade, esse sentimento egoístico está presente em nossas vidas tanto quanto a dor, ou seja, quase todo ser humano sente. Toda vez que uma dor nos espicaça o ser é porque há algo errado conosco, e o mesmo acontece com o ciúme: alguma coisa está errada em nós mesmos, no outro ou na relação. A expressão "o pecado do Amor" é tão absurda quanto o ilogismo: "matar por Amor". Enquanto não formos capazes de discernir juízos opostos e continuarmos a confundí-los, não estaremos em condições de reformular nossa concepção do legítimo sentido do Amor.

Pasmem! Há quem defenda que “matar por Amor não é crime”. Crêem alguns que o princípio do ser humano é o sentimento, e quando essa emoção é traída, aviltada, ele pratica, então, esses atos chamados criminosos. E nessa confusa tese, afirma-se que o “Amor é a maior fraqueza do ser humano”, argumenta-se que tanto o honesto, o trabalhador, o culto, não importa, todos são passíveis de um único crime: de “Amor”. Não comungamos nessa cartilha, obviamente, pois que ninguém mata por Amor, mas por ódio. Estudos apontam que o criminoso passional não tem raça, credo, faixa etária ou classe social, mas na imensa maioria dos casos tem sexo: o masculino. Diz-se que a impulsividade do homem, ao matar, é cultural, uma vez que no sistema patriarcal, há cinco mil anos, e durante muito tempo, o marido tinha o direito de bater na mulher, de puni-la, de matá-la e isso era muito comum.

Uma criatura que ama não agride e nem fere o ser amado, que é para ela objeto de veneração. O ciúme não procede do Amor, mas do apego animal ao plano sensorial. O animal é que ataca e fere por ciúme, nunca o homem, pois, nele, o Amor se manifesta em ternura, adoração e consciência do valor do ser amado. As criaturas de sensibilidade humana não se deixam arrastar pelas paixões, que pertencem ao plano dos instintos.

Luiz de Camões dizia que o “Amor é um fogo que arde sem se ver”. (2) Segundo Aurélio Buarque “o Amor pode ser um sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem, ou de alguma coisa. Pode ser um sentimento terno ou ardente de uma pessoa por outra, e

que engloba também atração física, ou ainda inclinação ou apego profundo a algum valor ou a alguma coisa que proporcione prazer; entusiasmo, paixão”. Podemos considerar o Amor como uma forma de energia cósmica ainda não pesquisada e conhecida pelas Ciências. Porém, e o Amor ao próximo? Bem, esse é um sentimento de dedicação absoluta de um ser a outro ser ou a uma coisa; devoção extrema. Tudo o que possamos idealizar sobre o Amor pode se consubstanciar como parcela deste sentimento, mas ele é muito maior e mais abrangente, até porque, o bem-querer, toda a bondade, a tolerância, a alegria, a proximidade, só poderão ser um fragmento do Amor quando não tiverem laços no apego, na imperiosa necessidade de permuta, no egoísmo que exige sempre condições e regras.

Preocupados com o Amor humano, psicólogos e filósofos até hoje se interessam, quase que exclusivamente, por essa forma lírica e dramática do Amor entre duas criaturas. A Psicanálise, nos primórdios da teoria freudiana, colocou o problema do Amor na dimensão do patológico. Em verdade, Freud teve de entrar no estudo e na pesquisa do Amor pelo subsolo da psicopatologia. O aspecto patológico é o mais dramático do Amor e o que mais toca o interesse humano. "O Amor é a força mais abstrata e, também, a mais poderosa que o mundo possui." (Mahtama Gandhi).

Em face dos conceitos espíritas, aprendemos que, nos albos de sua evolução, predominam no homem as cargas instintivas. Na medida em que avança na escala da evolução, surgem as sensações. Com o passar dos milênios, irrompem os sentimentos - ponto fundamental para o desabrochar do Amor. Isto posto, analisemos os sentimentos que advêm das tendências eletivas e o das afinidades familiares. Na primeira condição, estão as expressões complexas do desejo, do sensualismo; na outra situação, sedimentam-se a fraternidade e o enlevo conjugal, numa simbiose mágica, químio-eletro-magnética, na entranha do ser.

Na questão 938-a, de "O Livro dos Espíritos", aprendemos o seguinte: "A natureza deu ao homem a necessidade de amar e de ser amado. Um dos maiores gozos que lhe são concedidos na Terra é o de encontrar corações que com o seu simpatizem". (3) O Amor deve ser o objetivo excelso no roteiro humano para a conquista da paz na sua expressão apoteótica. Porém, diversas vezes, o nosso sentimento é meramente desejar, e tão-somente com o "desejar", desfiguramos, instintivamente, os mais promissores projetos de vida.

Nos dias de hoje, fala-se e escreve-se muito sobre sexo e pouco

sobre Amor. Certamente, porque esse sentimento não se deixa decifrar, repelindo toda tentativa de definição. Por isso, a poesia, campo mítico por excelência, encontra, na metáfora, a tradução melhor da paixão, como se esta fosse o Amor. O desenvolvimento dos centros urbanos criou a "síndrome da multidão solitária". As pessoas estão lado a lado, mas suas relações são de contiguidade.

A paixão é exclusivista, egoísta, dominadora, é predominantemente desejo. Para alguns pensadores, esse sentimento é a tentativa por capturar a consciência do outro, desenvolvendo uma forma possessiva, onde surge o ciúme e o desejo de domínio integral da pessoa "amada". O legítimo Amor é o convite para sair de si mesmo. Se a pessoa for muito centrada em si mesma, não será capaz de ouvir o apelo do outro. Isso supõe a preocupação de que a outra pessoa cresça e se desenvolva como ela é, e não como queiramos que ela seja. O Amor representa a liberdade, e não o psicótico sentimento de posse. É a lei de atração e de todas as harmonias conhecidas, sendo força inesgotável que se renova sem cessar e enriquece, ao mesmo tempo, quem dá e quem recebe.

#### Referências:

(1) Cf. Aurélio – “Sentimento doloroso que as exigências de um Amor inquieto, o desejo de posse da pessoa amada, a suspeita ou a certeza de sua infidelidade fazem nascer em alguém”. Receio de perder alguma coisa; cuidado, zelo (nesta acepção. é mais usado no plural)

(2) Cf. (Luís de Camões, Rimas, p. 135);

(3) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: Ed. FEB ed. 2002, questão 983-a



## **A Psicometria ante os desafios da sensibilidade psíquica**

Recentemente Maria Rosa Busi, uma médium italiana, desvendou o enigma do desaparecimento de Chiara Bariffi ocorrido em 2002, após "ouvi-la". Busi que levou a polícia até o corpo de uma mulher no fundo do Lago, disse - em depoimento à Justiça de Roma - que uma visão permitiu que ela elucidasse um mistério que já durava quase três anos. "A médium afirma ter poderes clarividentes, foi contatada pelos pais da vítima no início deste ano, para tentar descobrir o que havia acontecido com a filha deles. Eles lhe deram uma fotografia de Chiara, que tinha por volta de 30 anos quando desapareceu, sem deixar notícias nem pistas".(1)

Busi disse no tribunal ter "captado" os últimos momentos da vida de Bariffi antes que ela caísse no lago com seu carro, no fim de 2002. E explicou: "Eu fui ao lago e vi o que aconteceu... Eu a escutei, eu a vi e desenhei um mapa", disse Busi à Agência Reuters, que divulgou o fato. "Ninguém achou que ela estivesse no lago. Quando vi a foto, soube que ela tinha morrido", disse Busi. "Sou clarividente. Posso dizer quando alguém está vivo ou morto".(2) O caso era para a polícia bastante misterioso, levantou-se a tese até de homicídio e até suicídio foi colocado como hipótese, já que Chiara estava com problemas de ordens emocionais. Seus pais tinham sido informados que Chiara

havia saído do país e vivia atualmente na Espanha. Busi se recusou a dizer o que teria motivado a morte de Chiara. Ela só disse isso à mãe da vítima. Mas sugeriu que o tempo ruim perto do lago provavelmente desempenhou um papel no destino de Chiara. (3) Estamos diante de típico fenômeno de psicometria (4) que a rigor não é faculdade comum em nossos círculos de atividade, uma vez que só a possuem pessoas dotadas de aguçada sensibilidade psíquica. Nossa atual condição espiritual, ainda deficitária, não permite esses admiráveis recursos perceptivos.

O termo psicometria foi criado em 1849 pelo médico norte-americano J. Rhodes Buchanan. Ele pesquisou e realizou durante vários anos uma série de experiências, mas somente depois de algum tempo, observando os efeitos do fluido magnético com pacientes sonâmbulos, chegou a conclusões cabais. Na definição do livro *Nos Domínios da Mediunidade* de André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier, psicometria significa registro, apreciação de atividade intelectual. Entretanto, nos trabalhos mediúnicos, esta palavra designa a faculdade de ler impressões e recordações ao contato com objetos comuns.

O Espírito Áulus relata que o pensamento espalha suas próprias emanções em toda parte a que se projeta, deixando vestígios espirituais onde são arremessados os raios da mente. Como o animal, que deixa no próprio rastro o odor que lhe é característico, tornando-se, por esse motivo, facilmente abordável pela sensibilidade olfativa do cão. O orientador prossegue dizendo que as marcas da individualidade de cada um vibram onde se vive e por elas provocam o bem ou o mal naqueles que entram em contato.(5) No livro *Mecanismos da Mediunidade*, psicografada por Chico Xavier e Waldo Vieira, ditada pelo espírito André Luiz, esclarece que a psicometria é a faculdade de perceber o lado oculto do ambiente e de ler impressões e lembranças ao contato de objetos e documentos. Cita ainda a importância da harmonização entre encarnados e desencarnados neste tipo de trabalho, caso contrário pode-se anular a possibilidade de êxito, fugindo dos verdadeiros propósitos. Acrescenta também que pode ser usada em desaparecimento de uma pessoa que não deixou pistas. Por intermédio de um objeto pertencente à vítima, o médium consegue captar a personalidade e fisionomia do proprietário e reporta-se ao seu desaparecimento, podendo até mesmo descobrir seu desencarne e o local onde seu corpo se encontra. Isso porque os objetos adquirem um fluido pessoal humano.(6) (grifamos) Quando

tocamos num objeto, imantamo-lo com o fluido que nos é peculiar. E se, além do simples toque ou uso, convertermos inadvertidamente esse objeto, seja um livro, uma foto, uma jóia ou, em ponto maior, uma casa ou um automóvel em motivo de obsessiva adoração, ampliando, excessivamente, as noções de posse ou propriedade, o volume de energias fluídicas que sobre o mesmo projetamos é de tal maneira acentuado que a nossa própria mente ali ficará impressa. E dessa forma, em qualquer tempo e lugar, a nossa vida, com méritos e deméritos, desfilará em todas as suas minúcias ante o «radar» do psicômetra.

Há um extraordinário estudo de Ernesto Bozzano contido no livro «Enigmas da Psicometria», através de cuja leitura nos deparamos com impressionantes narrativas, algumas delas abrangendo até mesmo fases remotas da organização planetária terrestre. Para Bozzano o processo pelo qual é possível, ao psicômetra, entrar em relação com os fatos remotos ou próximos, pode ser explicado de duas maneiras principais: uma parte dos fatos e impressões é retirada da própria aura do objeto; outra parte é recolhida da subconsciência do seu possuidor mediante relação telepática que o objeto psicometrado estabelece com o médium. Não é importante que o possuidor esteja encarnado ou desencarnado. O filósofo italiano relata casos que demonstram haver relação psicométrica entre pessoas vivas, animais, vegetais e a matéria inanimada, e também casos de fenômenos telestésicos (sensações à distância).(7)No início da década de 1970 o prof. W.H. Tenhaeff da Universidade de Utrechet pesquisava a mediunidade de Croiset. - O jornalista Allan Vaughan acompanhou Croiset e fez filme sobre o médium em que procurou comprovar sua faculdade mediúmica para clarividência e psicometria.

Vários pesquisadores psíquicos acompanharam o médium holandês sem nunca terem constatado nenhuma fraude. Alguns jornais de sua época que noticiaram seus fenômenos: Daily Express, Evening Standard, Evening News. - O Diário de Notícias, do Rio, de 04 janeiro 1964 noticiou os prodígios realizados pelo médium holandês. - O Globo de 21 dezembro de 1963 traz depoimento do inspetor de polícia David von Woudenberg sobre o assunto."São muitos casos complexos de pessoas desaparecidas que têm encontrado soluções nas intervenções dos sensíveis médiuns de psicometria. Daí anteciparmos uma certeza inalienável, de futuro a psicometria se consubstanciará em um instrumento valioso para elucidação de casos, porque não dizer policiais e outros quaisquer que têm desafiado a inteligência



humana".(8)

#### Referências bibliográficas:

(1) [Http://www.espacovital.com.br](http://www.espacovital.com.br) - Psicometria (Grego: psykhé, alma; metron, medida), é a capacidade de identificar a informação contida nos objetos, ambientes e pessoas, através da leitura das energias presentes nos mesmos. Xavier, Francisco Cândido. Nos Domínios da Mediunidade, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2002.

(2) Idem

(3) Idem

(4) Psicometria (Grego: psykhé, alma; metron, medida), é a capacidade de identificar a informação contida nos objetos, ambientes e pessoas, através da leitura das energias presentes nos mesmos.

(5) Xavier, Francisco Cândido. Nos Domínios da Mediunidade, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2002.

(6) Xavier, Francisco Cândido e Vieira Waldo. Mecanismos da Mediunidade, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2000.

(7) Sobre o tema Camille Flammarion, astrônomo francês, fez um sério estudo dos fenômenos de telepatia (ou telestesia como preferia denominar), isto é, "ser advertido, por uma sensação qualquer, de uma coisa que se passa ao longe".

(8) Hessen, Jorge. Luz na Mente, Brasília: Ed. Edicel, 2000, Cap. Falando de Psicometria, pág. 93.



#### **Estêvão - um fadário de agonia e sublime amor**

No capítulo I do monumental livro “Paulo e Estêvão” há uma descrição da cidade de Corinto, reedificada por Júlio César, localizada

ao sul da Grécia entre os mares Jônio e Egeu, no Mediterrâneo. Destruída pelo cônsul romano Múmio em 146 a.C., Corinto era um importante centro produtor de uvas e passas. Homero (autor de *Ilíades* e de *Odisséia*) chamou-lhe “Riquíssima Corinto”, pela excelência de suas terras. Também era famosa pelas libertinagens e os romanos aí encontravam campo vasto para suas devassidões.

No ano 34 a.D., Corinto em peso foi atormentada por violenta revolta dos escravos oprimidos. Controlando a situação os romanos elegeram as numerosas famílias judaicas para suas extorsões. Uma delas foi o clã de Jochedeb ben Jared, pai de Abigail (18 anos) e Jeziel (25 anos de idade). Licínio Minúcio, questor do Império, confiscou a propriedade de Jochedeb e dilacerou-lhe a família. Ben Jared, considerado violador da lei romana, foi condenado e morto sob a violência da chibata em presença dos dois filhos.

Abigail foi amparada por Zacarias ben Anan e sua esposa, e passou a residir em uma granja, na estrada de Jope. Todavia, o jovem Jeziel, após sofrer bárbaro martírio por espancamento, foi recolhido à prisão e depois de 30 dias foi conduzido para o serviço das galeras romanas.

Em Cefalônia, a embarcação recebeu Sérgio Paulo, patrício romano, que se dirigia para a cidade de Cítium em missão de natureza política. Durante a viagem, o aristocrático romano adoeceu gravemente. Abriu-se seu corpo em ulcerações, de tal modo que o seus conterrâneos não se arriscaram a tratá-lo. O constrangimento foi imposto ao jovem Jeziel, que valendo-se das orações curou o eminente romano, enquanto ele próprio, Jeziel, contraía a mesma moléstia.

Penhorado em face do cuidado do irmão de Abigail, Sérgio Paulo conseguiu persuadir o comandante da galera, que almejava arremessar Jeziel ao mar no pressuposto de impedir o contágio na embarcação, para deixá-lo em terra, na costa da Palestina. Em terra firme, foi conduzido à Casa do Caminho, em Jerusalém.

Na instituição, recebido por Pedro e Tiago menor, Jeziel foi tratado, e após duas semanas ficou curado e depressa afeiçoara-se ao Pescador como um verdadeiro filho. Por sugestão do velho apóstolo, Jeziel passou a adotar o nome Estevão, em homenagem à velha Acaia, na Grécia.

O filho de Jochedeb era dos arredores de Sebastes e descendia da tribo de Issacar. Analisava as profecias, sobretudo de Isaias, pelas belezas das promessas divinas de que foi portador, anunciando o Messias. Ali,

na Casa do Caminho, ficou sabendo que Jesus havia sido crucificado há mais de um ano e, em lágrimas, recordou o profeta: “Levantar-se-á como um arbusto verde, vivendo na ingratidão de um solo árido, onde não haverá graça nem beleza. Carregado de opróbrios e desprezado dos homens, todos lhe voltarão o rosto. Coberto de ignomínias, não merecerá consideração. É que Ele carregará o fardo pesado de nossas culpas e de nossos sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores.”(1)

Estevão instruiu-se nas anotações de Mateus sobre o Divino Mestre e prontamente se integrou na vida da comunidade cristã. Em pouco tempo tornou-se célebre em Jerusalém. Lembre Emmanuel: “Quando muitos discípulos de Jesus deixavam de ampliar os comentários públicos para além das considerações agradáveis ao judaísmo dominante, ele apresentava à multidão, o Salvador do Mundo, indiferente às lutas que iria provocar, comentando sobre a vida do Crucificado com o seu verbo inflamado de luz.”(2)

O seu primeiro encontro com o futuro “Apóstolo dos Gentios” ocorreu no ano 35, no cenáculo da Casa do Caminho, quando Saulo ali esteve, levado por Sadoc, que o incitava a perseguir “os homens do caminho”, cujo prestígio ascendia em Jerusalém. Durante a palestra, o irmão de Abigail leu um trecho das anotações de Mateus, capítulo 10 versículo 6 e 7: “Mas ides antes às ovelhas perdidas da casa de Israel; e, indo, pregai dizendo: É chegado o Reino dos Céus.”(3) Explicou que a Boa Nova era a resposta de Deus aos apelos humanos. Moisés foi o condutor, mas, Jesus é o Salvador. Com a Lei éramos servos, com o Evangelho somos filhos livres de um Pai amoroso justo e bom, pregava Estevão.

Saulo o ameaçou com a autoridade do Sinédrio, contudo o palestrante não se atemorizou e redarguiu ao rabino se tivesse alguma acusação legal contra ele, que expusesse e seria obedecido; mas, naquilo que diz respeito a Deus, só ao Criador competia arguir-lhe. Estevão tinha consciência de que o Sinédrio detinha muitas maneiras de fazer-lhe chorar, mas não reconhecia poderes para obrigar-lhe a renunciar ao amor de Jesus Cristo.

Anunciou ao filho de Tarso que aquele templo humilde era construção de fé e não de justas casuísticas. Agastado, Saulo providenciou para que o orador fosse conduzido ao Sinédrio a fim de ser interrogado. Sob o falso testemunho de Neemias, o jovem Estevão foi acusado de blasfemo, caluniador e feiticeiro, porém explicou a todos que não desrespeitava Moisés, mas não havia como deixar de

reconhecer a superioridade de Jesus-Cristo, por isso, saberia pagar, pelo Mestre, o preço da mais pura fidelidade.

Saulo, por vingança, na condição de juiz, deliberou a pena de lapidação contra o irmão de sua noiva (Abigail, irmã do réu) encarcerado por dois longos meses. Após a leitura das denúncias, antes de proferir a sentença, Saulo perguntou-lhe se estaria disposto a renegar o Carpinteiro, com o que seria poupada sua vida. A resposta desassomburada do filho de Corinto foi de que nada no mundo o faria renunciar à tutela de Jesus. Morrer por Ele significava uma glória.

No dia assinalado para o apedrejamento, Estevão apresentava barba crescida e maltratada, trazia equimoses (sangue pisado) nas mãos e nos pés.

Caminhando vagarosamente, fadigado, foi conduzido às proximidades do altar dos sacrifícios no Templo. Algemado no tronco do suplício, com os pulsos sangrando, pela brutalidade dos soldados, sob o sol abrasador das primeiras horas da tarde, foi cruelmente apedrejado.

Os verdugos eram os emissários das sinagogas das cidades que convergiam ao Templo. Tais carrascos se esmeraram para “resguardar” a cabeça do condenado, a fim de que o abominável espetáculo perdurasse mais tempo. Nesse momento, Estevão pensa em Jesus e ora. O peito se cobre de ferimentos e o sangue flui abundante. Recita o Salmo XXIII: “O Senhor é o meu Pastor, Nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, Guia-me mansamente A águas mui tranquilas, Refrigera minh’alma, Guia-me nas veredas da justiça Por amor do seu nome. Ainda que eu andasse Pelo vale das sombras da morte, Não temeria mal algum, Porque Tu estás comigo... A Tua vara e o Teu cajado me consolam.”...(4). Sentindo a presença de seus amigos espirituais, exclama: "Eis que vejo os céus abertos e o Cristo ressuscitado na grandeza de Deus!".(5) Recorda a irmã Abigail. Por onde andaria? Que teria sido feito dela? Nunca mais a encontrara. Abigail, noiva de Saulo, e por ele convidada para assistir a execução chegava naquele instante. Ela que não desejava presenciar o espetáculo vil. Tentara mesmo junto a Saulo se não poderia ser outra a sentença ao jovem pregador, a respeito do qual o noivo lhe falara.

Surpresa, reconhece o irmão e ele, ante a visão do Cristo que olhava melancolicamente para Saulo, a reconhece igualmente. Já não tem certeza se ela em espírito ali se apresenta ou se é produto de alguma alucinação, pelas dores que o acometem.

A pedido de Saulo, que não entende como se tornara o verdugo do irmão de sua noiva, Estevão é retirado do poste e conduzido ao gabinete dos sacerdotes. Tanto quanto teve forças, o primeiro mártir do Cristianismo resumiu para Abigail sua história e lançou em sua alma as primeiras sementes da Boa Nova. A irmã lhe apresenta o noivo, Saulo, a quem o moribundo contempla sem ódio e acentua: "Cristo os abençoe... Não tenho no teu noivo um inimigo, tenho um irmão... Saulo deve ser bom e generoso, defendeu Moisés até ao fim..." (6)

A cena é comovedora. Abigail deixara o irmão preso ao poste de martírio em Corinto uma vez e torna a encontrá-lo, em idêntica condição, em Jerusalém. Ora, a pedido dele, conforme o fizera um dia, na sala de torturas. Ele desencarna, em seu regaço.

Estevão ficaria agora mais junto do cunhado, transmitindo os pensamentos de Jesus. Seria o intermediário entre o Cristo e o Apóstolo dos gentios. Seria ainda o filho de Corinto que, ao lado de Jesus e de Abigail (desencarnada pouco depois do irmão, acometida de febre) viria receber o apóstolo Paulo, liberto dos laços da carne, conduzido por Ananias para a região do Calvário, logo após a sua decapitação ocorrida em Roma.

#### Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. A Caminho a Luz, ditado pelo espírito Emmanuel, 22ª edição, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1992

(2) Xavier, Francisco Cândido. Paulo e Estevão, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1982

(3) Mt.10: 6-7

(4) Salmo cap. XXIII

(5) Atos 7: 56

(6) Xavier, Francisco Cândido. Paulo e Estevão, ditado pelo espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1982



## **Bezerra de Menezes adverte sobre os "enxertos" perniciosos**

O Espiritismo trouxe, para a Humanidade, uma nova ordem religiosa que precisa ser preservada. Nela, Jesus desponta como excelso e generoso condutor de corações, e o Evangelho brilha como o Sol na sua grandeza mágica. Desde a sua origem, cresce assustadoramente, pelo que nos influencia a moral do Cristo, e ninguém poderá impedir a sua marcha ascendente. Ao mesmo tempo em que a nova revelação surgiu acompanhada da perseverança e firmeza dos bons líderes, tem sido alvo de adversários imprudentes, tentando obstruir o seu curso natural, mas sem obterem êxito, obviamente. Além desses, espalham-se, hoje, em profusão, os inovadores que tentam "atualizar" Kardec. O Espiritismo não responde pelos que, presunçosamente, querem ir além do que o Espírito Verdade nos revelou como resposta sábia dos Céus às interrogações da criatura aflita na Terra, conduzindo-a ao encontro de Deus. Portanto, constitui dever de todos nós preservá-lo da presunção dos reformadores e das propostas ligeiras dos que o ignoram.

Bezerra de Menezes tem demonstrado preocupação com a manutenção da singeleza dos postulados espíritas, senão, vejamos: "Neste momento, contabilizamos glórias da Ciência, da Tecnologia, do pensamento, da arte, da beleza, mas não podemos ignorar as devastadoras estatísticas da perversidade que se deriva dos transtornos comportamentais"...) as criaturas humanas ainda não encontraram o ponto de realização plenificadora. Isto porque Jesus tem sido motivo de excogitações imediatistas no campeonato das projeções pessoais, na religião, na política e nos interesses mesquinhos. (...) "(1)

Se abraçamos o Espiritismo por ideal cristão, não lhe podemos negar fidelidade. O legado da tolerância não se consubstancia na omissão da advertência verbal diante às enxertias conceituais e práticas anômalas, que alguns companheiros intentam impor no seio do movimento espírita.

Para os mais estouvados, a pureza doutrinária é a defesa intransigente dos postulados espíritas, sem maior observância das normas evangélicas; para outros não menos afoitos, é a rígida igualdade de tipos de comportamentos, sem a devida consideração aos níveis diferenciados de evolução em que estagiam as pessoas.

Sabemos que o excesso de rigor na defesa doutrinária pode levar a graves erros, se enredarmos pelas trilhas de extremismos injustificáveis, posto que redundarão em divisão inaceitável, em face dos impositivos da fraternidade.

É óbvio que não podemos converter defesa da pureza kardeciana em cristalizada padronização de práticas que podem obstar a criatividade espontânea diante da liberdade de ação.

Inobstante repelir as atitudes extremas, não podemos abrir mão da vigilância exigida pela pureza dos postulados espíritas e não hesitemos, quando a situação se impuser, no alerta sobre a fidelidade que devemos a Kardec e a Jesus.

É importante não esquecermos que nas pequeninas concessões vamos descaracterizando o projeto da Terceira Revelação.

"É necessário preservar o Espiritismo conforme o herdamos do eminente Codificador, mantendo-lhe a claridade dos postulados, a limpidez dos seus conteúdos, não permitindo que se lhe instale adenda perniciosa, que somente irá confundir os incautos e os menos conhecedores das suas diretrizes" (2) É inegável que existem inúmeras práticas não compatíveis com o projeto doutrinário que urge sejam combatidas à exaustão, nas bases da dignidade cristã, sem quaisquer laivos de fanatismo, tendente a impossibilitar discussão sadia em torno de questões controversas.

Apresentando certa apreensão quanto ao Movimento Espírita, nosso 'Kardec Brasileiro' recorda: "a Boa Nova (...) produz júbilo interno e não algazarra exterior (...) Não é lícito que nos transformemos em pessoas insensatas no trato com as questões espirituais. Preservar, portanto, a pulcritude e a seriedade da Doutrina no Movimento Espírita é dever que nos compete a todos e particularmente ao Conselho Federativo Nacional através das Entidades Federadas"(3) (grifamos)

Sobre os que ainda se fixam, demasiadamente, nas questões fenomênicas, Bezerra lembra: "(...) a mediunidade deve ser exercida santamente, cristãmente, com responsabilidade e critérios de elevação para não se transformar em instrumento de perturbação e desídia" (4). O exercício da mediunidade deve ser reservado (o exercício) às

pessoas que conheçam Espiritismo, posto ser extremamente perigosa a participação de pessoas ignorantes em trabalhos mediúnicos. Na desatenção desse tópico, após mais de um século de mediunidade à luz da Doutrina Espírita, temo-la, ainda, atualmente ridicularizada. Os intelectuais, materialistas e ateístas, desprezam-na até hoje.

Em nome do Espiritismo, há aqueles que propõem apometrias, desobsessão por corrente mento-eletromagnética (5), aplicações de luzes coloridas para higienizar auras humanas e curar azia, cálculo renal, coceiras, dores de dente, gripes, soluços em crianças, verminoses, feiras e quejandos. Se não bastasse, recomenda-se até carvãoterapia (!) para neutralizar "maus-olhados". É só colocar um pedaço de tora de carvão debaixo da cama e estaremos imunes do grande flagelo da humanidade - o "olho comprido".

Em recente entrevista ao Jornal Alavanca, de abril/maio-2000, Divaldo Franco adverte sobre as "terapias alternativas - "curanderismos" e a fascinação na prática mediúnica, apontando-os como fatores que têm desestabilizado o projeto da unidade doutrinária".(6)

É por essas e outras que a Revista Veja (7), registra que os médicos da ala conservadora da psiquiatria consideram os médiuns como dotados de neuroses, psicoses, desvios de personalidade, esquizofrenias. Se pararmos para refletir, daremos uma certa razão para esses psicoterapeutas. Muitos adeptos do Espiritismo desconhecem Allan Kardec, Emmanuel, André Luiz, Joanna de Ângellis, Bezerra de Menezes, e outros consagrados expoentes da difusão doutrinária e, lastimavelmente, estão aguilhoados nas práticas que comprometem todo o projeto doutrinário.

"(...) Mantende o espírito de paz, preservando os objetivos abraçados e, caso seja necessário selar vosso compromisso com testemunho, não titubeeis". (8) O exercício dos códigos evangélicos nos impõe a obrigatória fraternidade e compreensão aos adeptos dessas estranhas práticas, o que não quer dizer que devamos nos omitir quanto à oportuna advertência para que a Casa Espírita não se transforme em academia de ilusões.

Referências bibliográficas:



(1) Bezerra de Menezes. (Mensagem psicofônica recebida pelo médium Divaldo Pereira Franco, em 9 de novembro de 2003, no encerramento da Reunião do Conselho Federativo Nacional, na sede da Federação Espírita Brasileira, em Brasília. Publicada em Reformador/Dezembro/2003)

(2) Idem

(3) Idem

(4) Idem

(5) estranha prática de "choques" anímicos para "afastar" maus espíritos

(6) Jornal Alavanca - abril/maio-2000

(7) Revista Veja. SP, abril-1999

(8) Bezerra de Menezes. Mensagem psicofônica  
In:Reformador/dezembro/2003



### **A convertida de Migdol, uma apóstola**

A biografia de Maria de Magdala é um dos mais admiráveis temas da história do Cristianismo, destacando-se como exemplos inesquecíveis sua sujeição na ilusão da beleza inóspita e sua posterior ternura aos hansenianos do Vale dos Imundos.

Segundo consta na tradição, a “mansão” daquela mulher, em Magdala ou Migdol (torre), hoje el-Mejdel, à época cidade localizada na costa ocidental do Mar da Galileia, era procurada pelos príncipes das sinagogas, abastados comerciantes, bilionários senhores de terras e de escravos, funcionários de alta categoria da administração herodiana, que lhe assentavam no cofre moedas de ouro, jóias, dracmas de prata, perfumes raros, presentes exóticos.

Aquela mulher ficou conhecida como Maria Madalena, personagem que traz à tona discussões com interpretações dessemelhantes sobre sua vida. Destarte, optamos por esquadriñar

um consenso a propósito de determinadas questões fundamentais, para que nossa pesquisa não perdesse apropriada uniformização do seu conteúdo.

Há quem afirme que muito mais a tradição do que a realidade se encarregou de difundir a suposta má fama de Madalena. “O Talmud apresenta como casada com o judeu Pappus Benjudah, que abandonou para unir-se ao oficial de Herodes chamado Panther; não era necessariamente uma "pecadora pública" nem uma "viciada" como a descreve Gregório Magno”.(1)

Muitos a identificam como endemoninhada (por sete obsessores), prostituta (as bases históricas dessa última afirmação parecem ser bastante frágeis para alguns exegetas). Sabe-se, com certeza, que a Maria difamada de Magdala não era feliz.

Alguns escritores e estudiosos contemporâneos, baseados nos Evangelhos Canônicos, nos livros apócrifos do Novo Testamento e nos escritos gnósticos, sobretudo Margaret George, Henry Lincoln, Michael Baigent e Richard Leigh, autores do livro O Santo Graal e a Linhagem Sagrada (1982), e Dan Brown, autor do romance O Código da Vinci (2003), apesar de proporem teses mirabolantes, descrevem Maria Madalena como uma apóstola.

Certa noite, instada por uma serva de confiança, permitiu um diálogo sobre um Excelso Peregrino que percorria as estradas da Galiléia e da Judéia. Entusiasmada, no dia seguinte, servindo-se de frágil embarcação, atravessou o lago para conhecer Jesus, em Cafarnaum. Os dias se passaram até quando o Cristo esteve em Magdala, a proprietária da famosa “casa nobre” tomou de um vaso de alabastro que continha o perfume do lótus, comprada a preço de ouro.

Era seu presente ao sublime Rabi da Galileu. Sabendo-O num banquete em casa de Simão, um rico comerciante da Galiléia, para lá se dirigiu.(2) Quase ao final da ágape, rompendo a segurança, a famosa e afamada de Magdala(3) irrompe na sala e se arroja aos pés do sublime Galileu. O endinheirado Simão, dono do casarão se enche de fúria, mas receia determinar expulsá-la.(4) O afetuoso Nazareno exalta o gesto daquela corajosa Madalena que ajoelhada a seus pés, rega-os com suas lágrimas, enxuga-os com seus sedosos cabelos e os unge com o sobrenatural bálsamo que invade todo o recinto. O divino Senhor simplesmente diz: por esse gesto te digo que os teus muitos pecados te são perdoados, porque muito amou; mas aquele a quem pouco é perdoado, pouco ama. Mulher, a tua fé te salvou; vai-te em paz.(5)

Avaliava o Mestre o coração daquela alma intensamente amorosa, transitoriamente fraquejada sob o guante da ilusão da beleza física desértica. Por isso investiu na sua recuperação, incentivando a modificar de vida, o que ela acolheu com a consistência adamantina da sua personalidade forte e iniciou um rumo novo, transformando-se, depois da Mãe de Jesus, no maior exemplo de Amor na face da Terra. Na manhã subsequente a população de Magdala soube, surpreendida, a notícia da conversão da mulher, insígnia da iniquidade. Ela abriu mão de todos os bens materiais que possuía e, com o estritamente necessário, iniciou nova vida. Juntou-se discretamente aos que seguiam o Messias, mas infelizmente por várias vezes, recebeu a bofetada da suspeição. No transcurso dos meses, atingindo os momentos da traição de Judas, da prisão de Jesus, do julgamento arbitrário, ei-la, peregrinando para o Gólgota, acompanhando-O. A convertida de Magdala conservou-se ao pé da cruz, unida a Maria de Nazaré e ao jovem João Evangelista. No instante em que a fronte do Mestre pendeu pesada, ansiou abraçar-se outra vez aos Seus pés e osculá-los com soberana veneração, porém se sentiu imobilizada.

No domingo (três dias após o martírio da Cruz), chegando ao túmulo do Mestre ao lado de Joana de Cusa, Maria (mãe de Marcos) e outras mulheres (6), deparou com a pedra do sepulcro deslocada, dobrados os lençóis de linho que lhe haviam envolvido o corpo e o sepulcro vazio. Madalena teve receio que os fanáticos judeus houvessem furtado e escondido o corpo do Príncipe da Paz.(7) Enquanto as demais mulheres retornaram a Jerusalém, a fim de noticiar o sucedido, Madalena conservou-se no jardim adjacente, a chorar.

A nostalgia feita de agonia lhe enxovalhava o coração, quando escutou a dúcida voz do Crucificado, chamando-a: - Mulher! “[Gyne]”(8) Ela se volta, e mal consegue avistar um vulto, os olhos ainda embaciados pelas lágrimas e as pupilas dilatadas pela escuridão do sepulcro. Seria o jardineiro? Teria ele ocultado o corpo do Divino Amigo? Então, os ouvidos descobrem o que os olhos não podem desvendar: a voz torna a chamá-la, mas desta vez pelo nome: Maria! Quando a filha de Magdala ouve aquela voz transcendente chamando: “- Maria!”, ocorre uma transformação admirável: ela reconhece o suave Rabi redivivo, e exclama: “- Raboni(9), meu Mestre!” E, literalmente, tenta abraçá-lo, todavia não era momento para tocá-lo.(10)

Interessante meditar “por que razões profundas deixariam o Divino Mestre tantas figuras mais próximas de sua vida para surgir aos olhos de Madalena, em primeiro lugar? O gesto de Jesus é profundamente simbólico em sua essência divina. Dentre os vultos da Boa Nova, ninguém fez tanta violência a si mesmo para seguir o Salvador, como a inesquecível obsedada de Magdala.”.(11) A ex-vendedora de ilusões difamada pelos madalenos, em quem se costumava atirar injúrias, no encontro com o Mestre materializado redescobre sua identidade e até amplia seu horizonte existencial. Ao reconhecer Jesus, imediatamente O coloca acima, chamando-O Raboni. O Cristo estava ali, redivivo, radioso como a madrugada recém nascida.

Madalena foi anunciar o episódio aos apóstolos, que não acreditaram. Por que haveria Jesus de aparecer logo para ela? No entanto, Maria de Nazaré a abraçou e lhe pediu detalhes. Os dias que se seguiram foram de saudades e recordações. As notícias auspiciosas chegavam-lhe aos ouvidos.

Soube que naquele mesmo dia, indo dois discípulos para suas residências situadas nos arrabaldes (Emaús), distante de Jerusalém sessenta estádios(12), os discípulos enquanto conversavam, o Cristo se lhes juntou e se pôs a caminhar com eles (Jesus havia tido seus pés dilacerados na crucificação); - mas não O reconheceram. “Ao aproximarem-se de suas casas, o Crucificado queria ir adiante. Os dois disseram-Lhe: - Fica conosco, que já é tarde. Ele entrou com os dois. Estando com eles à mesa, dividiu o pão, abençoou-o e lhes deu. Abriram-se-lhes ao mesmo tempo os olhos e ambos O reconheceram; Jesus, porém, lhes desapareceu das vistas.

Madalena soube que Jesus apareceu também para “Simão Pedro ,Tomé, Natanael, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos à margem do mar de Tiberíades.”.(13)

Depois disso, “Jesus os conduziu para Betânia e, tendo levantado as mãos, os abençoou, e, tendo-os abençoado, se separou deles e foi arrebatado ao infinito. Quanto a eles, depois de o terem adorado, voltaram para Jerusalém, cheios de alegria.”.(14)

A convertida de Magdala experimentou solidão e abandono e, para suavizar a imensa saudade do Rabi, passou a andar pelas longas praias que tanto O lembravam. Numa dessas tardes, encontrou leprosos que vinham da Síria a fim de buscar o socorro da cura. Ela os abraçou, dizendo-lhes que Jesus foi crucificado. Deteve-se por horas a falar, saudosa, do que aprendera com quem era o Caminho, a Verdade e a

Vida. Depois, seguiu com eles ao vale dos imundos (leprosos). Alguns anos após, devorada pela lepra, sentindo que ia desencarnar, desejou rever Maria de Nazaré e foi a Éfeso. Após três dias de delírios, sentiu-se repentinamente expulsa do corpo, na praia onde encontrara os leprosos sírios e, sua aparência era de quando jovem e bela. Nesse momento vê caminhar sobre as águas a figura de Jesus que lhe disse: - Vem Maria, já atravessaste a porta estreita. Todas as tuas culpas estão perdoadas porque muito amaste e muito sofreste. Eu estava a tua espera. Agora dorme. Eu te escolho para que venhas ao meu reino! Madalena adormeceu nos braços de Jesus.

Jesus realizou duas hierarquias de “ressurreição”: “ressurreição” do corpo, e “ressurreição” do espírito. “Ressuscitou” Lázaro, e “ressuscitou” Madalena. Aos olhos do mundo, a primeira dessas duas maravilhas assume maiores proporções, mas, aos olhos de Deus, o segundo prodígio é mais belo, mais valioso. O corpo de Lázaro veio a morrer após aquela “ressurreição”. Madalena nunca mais morreu, porque o que nela ressurgiu não foi a carne, foi o espírito. O mundo se maravilha na “ressurreição” de Lázaro. O Mundo Espiritual Superior se extasia da “ressurreição” de Madalena.

Especula-se que após essa encarnação dos tempos apostólicos, Maria de Magdala ainda teve outras encarnações, até chegar a encarnar pela última vez como Madre Teresa de Ávila (Santa Teresa de Jesus) cujo nome verdadeiro era Teresa de Cepeda Y Ahumada, uma revolucionária religiosa nascida na Espanha em 1515 e falecida em 1582.(15) “Se non è vero, é ben trovato”.(16)

#### Referências bibliográficas:

(1) Pastorino, Carlos T. Sabedoria do Evangelho , Rio de Janeiro: Ed Sabedoria, 1964

(2) Não deve ser confundido com outra cena semelhante, ocorrido mais tarde (em abril do ano seguinte) na casa de Simão, ex-leproso, em Betânia (Mat. 26:6-13, Marc. 14:3-9 e João, 12:1-8), quando Maria de Betânia, irmã de Marta, executou o mesmo gesto.

(3) Alguns exegetas não reconhecem Maria Madalena como sendo a mulher da narrativa de Lucas.

(4) Por delicadeza, Marcos omite o nome da mal-afamada. Esse silêncio fez com que na igreja antiga se desenvolvesse uma interpretação extremamente confusa.

(5) Lucas, VII, 47 e 48

(6) De acordo com Lucas e Marcos, o objetivo, para as mulheres se dirigirem ao túmulo, foi embalsamar o corpo de Jesus com especiarias

(7) A pilhagem de sepulturas era algo bem comum na Palestina, onde as tumbas ficavam acima do chão. Diante disso, um crime devia ser esperado, uma vez que Jesus foi sepultado num túmulo emprestado, de um rico doador.

(8) Em grego, mulher é gyne, de onde derivam as palavras portuguesas “gene”, “genética”, “gênero”, “gênese”

(9) O termo "Raboni" é mais solene que o habitual "Rabi"

(10) Na narrativa joanina, Madalena ela é destacada como primeira testemunha do túmulo vazio (20:1-10) e como a primeira pessoa a quem o Senhor ressurrecto apareceu (20:11-18), em contraposição aos Sinópticos, onde ela dividiu estas experiências com várias outras mulheres (Mat. 28:1-10; Mar. 16:1-8; Luc. 24: 1-11)

(11) Xavier, Francisco Cândido. Caminho, Verdade e Vida, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1999, cap. 92)

(12) O estádio romano valia 625 pés romanos ou seja 185 metros

(13) Kardec, Allan. A Gênese, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1977, item 59

(14) Lucas, cap. XXIV, vv. 50 -53 e At :9-12

(15) Disponível em <http://feparana.com.br/parolima.com> acesso em 16/02/2012

(16) "Se não é verdade, é bem contado."



### **Controle universal dos ensinamentos dos espíritos, uma reflexão sobre Jesus e o Espiritismo**

Escrevi há cinco anos sobre o Espiritismo religioso. Citei à época O Controle Universal dos Ensinamentos dos Espíritos – CUEE que foi um método científico empregado pelo Codificador na consolidação da estrutura da Doutrina nascente e na implementação de seus pilotes. Kardec, sabendo que a morte não tornava mais sábio ou mais

ignorante o espírito desencarnado, precisava de um critério seguro para poder compilar as diversas informações trazidas pela espiritualidade. Sabendo que havia espíritos mistificadores, brincalhões e pseudo-sábios, Kardec fez com que todo o conteúdo doutrinário passasse pela filtragem do CUEE, ou seja, toda mensagem ditada pelos espíritos tinha que ser confirmada por diversos médiuns, preferencialmente, sem que tivessem qualquer contato entre si, e que ocorressem quase que simultaneamente. Na Revista Espírita, em abril de 1864, o mestre lionês explica que um homem pode ser enganado, ou mesmo enganar-se. Contudo, tal fato não se dá, quando milhões de homens veem e ouvem a mesma coisa: é uma garantia para cada um e para todos. Sabemos que essa universalidade do ensino dos Espíritos constitui o baluarte do Espiritismo.

O primeiro controle das mensagens é o da razão, à qual é preciso submeter, sem exceção, tudo quanto vem dos Espíritos. Segue-se, ao supremo controle da razão, a opinião da maioria. Compreende-se que, aqui, não se trata de comunicações relativas a interesses secundários. O controle universal é uma garantia para a futura unidade do Espiritismo e tende a anular todas as teorias contraditórias. Por essa razão, o que torna o Espírito André Luiz ou Emmanuel cridos é que, por toda parte, observamos a confirmação das suas mensagens, através do testemunho de líderes sérios e consagrados no mundo inteiro. Que influências poderiam exercer André Luiz ou Emmanuel, com suas mensagens, se elas fossem desmentidas, tanto pelos Espíritos, quanto pela liderança espírita mundial? Se um Espírito afirma uma coisa de um lado, enquanto milhões de pessoas dizem o contrário alhures, a presunção da verdade não pode estar com aquele, cuja opinião é única, contrariando as demais.

Há pessoas, nos píncaros do delírio, acreditem!!! Recriando o “Controle Universal dos Espíritos” e, para tais indivíduos, essa é a única forma de se aceitar, com boa margem de segurança, os ensinamentos provenientes, sobretudo, das obras de Chico Xavier. (!!??) Por que essa prevenção contra o médium de Uberaba? Há os que afirmam que Kardec, o Codificador, era o coordenador do Controle Universal. Depois de sua desencarnação, não houve quem desse seguimento à condição de controlador. Em verdade, esses confrades se apresentam eivados de despeito contra a FEB, informando, com desdém, que os grupos de pessoas, que deram origem à Federação Espírita Brasileira – FEB, criaram um sistema espírita muito diferente daquele idealizado por Allan Kardec e nele

nunca esteve presente o Controle Universal dos Espíritos, o que se constituiu numa grave falha Febiana. (sic)

Atestam, os “kardequeólogos” contemporâneos, que apesar de o Espiritismo Ter sido introduzido no Brasil por membros da “aristocracia dominante”, no século XIX, houve, desde o início, forte junção da Doutrina com as religiões, principalmente, a umbanda e o catolicismo, ou seja ocorreu o surgimento de um Espiritismo à brasileira, ou à moda da casa. Para esses incautos detratores da Casa-Mater do Espiritismo no Brasil, pretensos “sábios”, tanto os livros de Chico, quanto os do Divaldo apresentam mensagens que nada acrescentam e, até, contrariam a Doutrina . Acreditem, se quiserem..(!?)

Encharcados de fértil imaginação e intoxicados de raciocínio, reverberam que o jovem “católico”, Chico Xavier, quando teve a visão mediúmica daquele que teria sido o Padre Manoel da Nóbrega, em pretérita encarnação, e que passou a ser identificado como Emmanuel, certificou-se de que este seria o seu Mentor Espiritual. Com isso, todo o processo mediúnico do extraordinário médium mineiro foi plasmado por um “misticismo católico”, que, imediatamente, os diretores da Federação Espírita Brasileira (FEB) entronizaram. Com tal misticismo, vislumbraram um meio de divulgar um Espiritismo que fosse aceito pela sociedade brasileira que, então, era católica em sua esmagadora maioria.

Meu Deus!!! Nunca vimos tão incomensurável parvoíce!!

Para tais kardequeólogos, (repite) muitos livros de mensagens psicografadas por Chico Xavier, nada possuem de “específico”, no que se refere à Codificação. São opiniões de Espíritos que têm seu valor, como opinião pessoal (sic), mas não podem ser incorporadas como parte da doutrina básica, pois não se submeteram à chancela da paixão do momento, - o Controle Universal dos Espíritos.

Isso equivale afirmar que, as teses abordadas pelo Espírito André Luiz não receberam a chancela do filão da discórdia (Controle Universal dos Espíritos) e, por isso, as mensagens de André Luiz, de Emmanuel e outros só devem ser admitidas como hipóteses de estudos, até que possam ser submetidas ao “Controle Universal dos Espíritos”, através do aval supremo dessa facção tangida pela histeria.

A rigor o que está escamoteado na retórica desses andróides da ilusão, sob o tema, é, nada mais, nada menos, o aspecto religioso da Doutrina Espírita sustentado dignamente no Brasil pela FEB e abrilhantado por Chico Xavier na prática mediúmica. Isso que estamos



chamando de “questão religiosa“ refere-se, obviamente, à discussão que já tem se tornado psicopatológica: saber se o Espiritismo é ou não é religião. A frequência com que tal discussão tem acontecido, no âmbito do Espiritismo, é tão grande que já se tornou, há muito, cansativa, estéril e obsessiva. Para tais hermanos, a postura religiosa, Xavieriana, tem um caráter cerceador sobre o crescimento do Espiritismo, enquanto filosofia.(!?) Acredite de puder!!!

Esses kardequeólogos, longe do uso do bom senso, insistem em divulgar a “progressista” tese de que se é preciso fugir do “Cristo Católico”, do religiosismo, do igrejismo no Espiritismo e transformá-lo numa academia de expoentes do “saber”, sob a batuta deles,obviamente!

Sob o império dessa compulsiva tendência filosófica, vão para a internet, redigem livrescos, artiguinhos, promovem palestras inócuas, agulhoados às diretivas telepáticas dos “sabichões das sombras”.

Queiram ou não, o Cristo é o modelo de virtudes para todos os homens . E mais ainda. Jesus Cristo é incomparável em face da dedicação e a santidade que Ele dispensa à Humanidade. Nós, que ainda estamos mergulhados nos pântanos das questiúnculas teológicas, não temos parâmetros para avaliarmos a Sua magna importância para o Espiritismo, isto porque a Sua excelsitude se perde na escura bruma indevassável dos milênios. Digo mais. O Espiritismo sem Evangelho pode alcançar as brilhantes expressões acadêmicas, mas não passará de atividade fadada a modificar-se ou desintegrar-se, como todas as conquistas perfunctórias da Terra. E o espírita cristão, que não cogitou da sua iluminação com o Evangelho do Mestre, pode ser virtuoso da inteligência, Phd de qualquer coisa e filósofo, com as mais subidas aquisições científicas, mas estará sem bússola e sem norte no momento do “furacão” inevitável da dor moral.



## **Francisco de Assis não é o autor da “oração da paz”**

O famoso “Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz (...)”, início da oração atribuída a Francisco de Assis, é conhecida em quase todo o mundo cristão e traduzida nas mais diversas línguas. Certo dia, ao proferir uma palestra, citei o pensamento franciscano “é dando que se recebe”. Terminada a exposição doutrinária, o dirigente me informou que a “Oração de Francisco de Assis” não fora criada por ele. Fiquei curioso e, por ignorar esse fato, fui compulsar algumas fontes, principalmente o historiador Christian Renoux, doutor em História Moderna e conferencista da Universidade de Angers, na França.

Para muitos, a oração é de autoria de Francisco de Assis; outros a aceitam, simplesmente, sem posicionamento crítico sobre a sua origem. Afirmam, alguns, que, embora não seja de autoria de Francisco, ele a utilizava sempre em suas orações. Porém, se Francisco a tivesse conhecido, ela deveria ter sido transmitida em manuscritos de sua época, e não foi. Até porque, dentre os quatrocentos a quinhentos manuscritos examinados para a edição crítica dos Escritos de Francisco de Assis, a famosa oração não foi encontrada.

Mas, se não é de autoria do filho de Assis, sobram indagações de difíceis respostas: Quem lhe conferiu a condição de ser o autor da “Oração da Paz”, que muitos conhecem como “Oração de São Francisco”? Foi quem a criou ou aquele que a encontrou? Por que o anonimato do autor?

A “Oração da Paz” se expressa com a contraposição entre virtudes e vícios de uma maneira bem semelhante às de Francisco. Mas, das orações de Francisco, nenhuma é feita no estilo da oração que conhecemos. Ela se aproxima, apenas, da forma como foram escritos dois textos filho de Assis: Vejamos: A frase “Onde houver ódio, que

eu leve o amor” lembra a “Admoestação 27”: “Onde há caridade e sabedoria, aí não há nem temor nem ignorância. Onde há paciência e humildade, aí não há nem ira nem perturbação. Onde há pobreza com alegria, aí não há nem ganância nem avareza. Onde há quietude e meditação, aí não há nem preocupação nem divagação. Onde há temor do Senhor para guardar seus átrios, aí o inimigo não tem lugar para entrar. Onde há misericórdia e discernimento, aí não há nem superfluidade nem rigidez”.

As demais contraposições ódio/amor, ofensa/perdão, dúvida/fé, desespero/esperança, tristeza/alegria estão ancoradas na pregação de Jesus e na sua prática libertadora. “Pois é dando que se recebe; é perdoando que se é perdoado; e é morrendo que se vive para a vida eterna” – é, igualmente, fundada nos textos do Evangelho. (1)

Pesquisa histórica realizada, exaustivamente, pelo professor Christian Renoux remonta para o ano de 1912, momento histórico em que ela apareceu, pela primeira vez, em uma pequena revista local da Normandia (2), na França. Vinha sem referência de autor, transcrita de outra revista tão insignificante, que nem deixou sinal da história, pois, em nenhum arquivo da França, foi encontrada. Universalizou-se a partir de sua publicação no *Ossevatore Romano*, órgão oficioso do Vaticano, no dia 20 de janeiro de 1916. No dia 28 de janeiro, do mesmo ano, foi publicada no conhecido diário católico francês *La Croix*. Era o tempo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e, por toda parte, faziam-se orações pela paz.

Pouco tempo depois da publicação da “Oração da Paz”, em Roma, um franciscano, Visitador da Ordem Terceira Secular de Reims, na França, mandou imprimir um cartão, tendo, de um lado, a figura de Francisco de Assis e, do outro, a referida oração, com a indicação da fonte: *Souvenir Normand*. No final, uma pequena frase, dizia: “essa oração resume os ideais franciscanos e, ao mesmo tempo, representa uma resposta às urgências de nosso tempo.

Renoux demonstra como começou, equivocadamente, a atribuição a São Francisco de Assis. Foi através de um impresso “da imagem de Francisco”, em Reims, na França, logo após a guerra de 1914-18, por iniciativa do capuchinho, Pe. Benoît. Por volta de 1925, a oração começa a ser difundida em ambientes protestantes da França, através do pastor valdense Jules Rambaud, à época, empenhado na reconciliação entre franceses e alemães. Nesse mesmo ano, um oficial protestante alsaciano, Etienne Bach, adota a oração como texto oficial do seu movimento e a publica no *Boletim dos Cavaleiros da Paz*,

difundindo-a, a seguir, por todos os meios possíveis.

Um cartão postal, impresso com o texto da oração, em 1927, a intitula “Oração dos Cavaleiros da Paz”. E são eles, os protestantes franceses, que, em agosto de 1927, pela primeira vez, imprimiram-na com a indicação: “atribuída a São Francisco de Assis”, sem explicar, porém, essa atribuição. Na Inglaterra, a difusão começou entre os anglicanos, que a publicaram, pela primeira vez, em 1936, intitulando-a “A prayer of Saint Francis”. Nos Estados Unidos, o movimento católico dos Cristóforos, fundado em 1945, tomou a oração como sua e a difundiu, largamente, pelos jornais, pelo rádio e, logo, pela TV. Em 1968, o luterano alemão Frieder Schulz publica um longo artigo sobre a história da oração, descartando sua origem franciscana.

Em 1996, nos Estados Unidos, o Pe. Regis Armstrong traduz e publica, na revista franciscana de New York, os artigos já mencionados de Willibrord, Schulz e Poulenc, para desfazer o equívoco da atribuição a São Francisco.

Em síntese, pelo exposto, estou certo de que as edições impressas, as edições críticas, as fontes franciscanas, os estudos modernos sobre Francisco de Assis, etc., remetem-me a uma conclusão, absolutamente, clara: Francisco de Assis não é o autor da “Oração da Paz”, equivocadamente, conhecida como “Oração de São Francisco”.

#### Notas:

(1) Cf. Lucas Cap. 6 versículo 38 – “dáí e vos será dado”

(2) revista devocional francesa La Clochette, editada em Paris, no número de dezembro de 1912. O redator da revista era o Pe. Bouquerel (1855-1923), que a publicou, sem nome de autor e sem atribuí-la a São Francisco



**A arte espírita é divina por excelência**

A arte foi um dos primeiros meios de comunicação entre os homens. A arte é um aglomerado de ciência, magia e técnica, uma janela para o conhecimento sensível do mundo. Em sua polissemia, revela a diversidade da natureza, suas singularidades, sendo avessa a resultados orientados pela medida e pela utilidade. O artista traduz o mundo sensível e imaterial em formas, sabores, cores, texturas, volumes e odores. A arte é capaz de extrair formas outras daquilo que se mostra aparente, de mergulhar no que é mais desconhecido, de romper a mera percepção e de considerar a imaginação como capacidade humana para a criação. Porém, ela só pode ser essencial, se puder contribuir para a elevação do ser humano como ser imortal.

Em toda a história da humanidade, é marcante a evidente participação da arte no contexto social. Na pré-história, ela fora utilizada como instrumento mágico, ajudando o homem a garantir a sobrevivência da raça, por meio de desenhos nas paredes das cavernas e grutas, quando, mais tarde, por sons rítmicos e movimentação corporal. O ser humano foi desenvolvendo, gradualmente, sua capacidade criativa e artística ao longo dos tempos. Na Idade Média, a arte reflete as potências latentes do ser espiritual e imortal da época. Com a chegada da Idade Moderna, novos caminhos a orientam e ela resplandece em liberdade de temas e técnicas. Surge a figura do artista, em sua majestosa veste de núpcias, aproximando o divino celeste à natureza humana. Os séculos vindouros reinventam o fazer artístico. Os movimentos, oriundos das quebras conceituais, que surgem no início do século XX, perfazem uma arte que questiona a vida e a própria arte. Das vanguardas, resultam os conceitos referentes ao que denominamos, hoje, de arte contemporânea, alvo de calorosas discussões acerca de suas verdades.

Nesse contexto, temos uma grande variedade de conceitos, porque são diferenças resultantes da pluralidade cultural e da liberdade de nossos pensamentos. Alguns respiram poéticas intuitivas e espirituais, outros, respiram pensamentos menos transcendentais e buscas sensoriais. Dentre os conceitos filosóficos transcendentais e atuais, a Arte Espírita se compromete a restaurar os princípios iluminativos nas manifestações artísticas. Ressalte-se o termo "Arte Espírita", embora entenda que seja um termo de difícil definição, evocamos a tese do termo para que o movimento doutrinário, no Brasil, possa, definitivamente, consolidar a efetiva "arte espírita". Até porque, o artista espírita não veio negar o acervo atribuído ao longo dos séculos, pois, também, utiliza-os em suas variadas linguagens. Seus conceitos,

estes sim, estão definidos de acordo com a causa que abraçam.

"A arte pura é a mais elevada contemplação espiritual por parte das criaturas. Ela significa a mais profunda exteriorização do ideal, a divina manifestação do "mais além", que polariza as esperanças das almas. O artista verdadeiro é sempre o "médium" das belezas eternas, e o seu trabalho, em todos os tempos, foi tanger as cordas vibráteis do sentimento humano, alçando-o da Terra para o infinito e abrindo, em todos os caminhos, a ânsia dos corações para Deus, nas suas manifestações supremas de beleza, sabedoria, paz e amor." (1)

A Arte Espírita não deve agir, apenas, no contexto das casas espíritas, ou ter um específico público para dialogar. Ela deve ir além, a todo coração que se dispuser a conhecer suas verdades, sejam simpatizantes ou, simplesmente, indiferentes à Doutrina Espírita. Sobre a prática artística e sua atuação no Espiritismo, é preciso romper com velhos preconceitos, ainda existentes no movimento doutrinário. Toda arte de sentimentos nobres é grande vôo da criação, capaz de nos atingir, profundamente, e, nesse contexto, recordemos que o Brasil é o país que abriga a maior quantidade de artistas e de produções de artes espíritas.

A criatividade artística é sempre um processo inacabado, um eterno vir-a-ser, uma idéia em expansão. O artista deforma a realidade, transmutando-a em artifícios que desestruturam a fixidez das sociedades, desintegram o pensamento ortodoxo, e que se quer único. É preciso não esquecer que a arte é um eterno diálogo entre artista e público. As relações que os unem têm duplo sentido: o artista inspirando seu público e o público, por sua vez, reagindo sobre o artista, impondo-lhe seus gostos e seus desejos.

"A estética religiosa criou obras primas em todos os domínios; teve parte ativa na revelação de Arte e de beleza que prossegue pelos séculos além. A Arte grega criara maravilhas; a Arte cristã atingiu o sublime nas catedrais góticas, que se erguem, bíblias de pedra, sob o céu, com as suas altaneiras torres esculpidas, as suas naves imponentes, cheias de vibrações dos órgãos e dos cantos sagrados, as suas altas ogivas, de onde a luz desce em ondas e se derrama pelos afrescos e pelas estátuas." (2) Cremos que a estética espírita deve limitar-se a enunciar julgamentos da realidade, a estudar as correlações entre as formas artísticas e as formas espirituais e sociais, sem tanger o sectarismo e os dogmas normativos, que, obviamente, dizem respeito à teologia e à filosofia.

O Espiritismo, moralizando os homens, exerceu, exerce e exercerá

uma grande influência sobre a arte em si e, particularmente, a música. Produzirá mais compositores virtuosos, que comunicarão as suas virtudes, fazendo ouvir as suas composições. André Luiz descreve, em sua obra *Nosso Lar*, (3) o Campo da Música, em cujas cercanias há Luzes de indescritível beleza, banhando extenso parque, onde se ostentam encantamentos de verdadeiro conto de fadas. Fontes luminosas traçam quadros surpreendentes de um espetáculo paradisíaco.

André comenta, em suas narrativas sobre a Colônia Espiritual, que, em gracioso coreto, um corpo orquestral de reduzidas figuras executa música ligeira. Nas extremidades do Campo da Música, há certas manifestações que atendem ao gosto pessoal de cada grupo dos que, ainda, não podem entender a arte sublime; mas, no centro, ouve-se a música universal e divina, a arte santificada, por excelência. Platão já ensinava que "a música é uma lei moral. Dá alma ao universo, asas ao pensamento, saída à imaginação, encanto à tristeza, alegria e vida a todas as coisas. Ela é a essência da ordem e eleva em direção a tudo o que é bom, justo e belo, e do qual ela é a forma invisível mas, no entanto, deslumbrante, apaixonada... eterna."

"Assim como a arte cristã sucedeu a arte pagã, transformando-a, a arte espírita será o complemento e a transformação da arte cristã". (4) Posto que a arte espírita é, por definição e por princípio, a arte universal, a rigor, onde reflita a beleza da harmonia Divina, podemos identificar a arte espírita na essência. Sobretudo, quando ela atinge o objetivo de levar à humanidade o consolo, o desejo de auto-reforma, o bem, a caridade, o amor. Pintores, escultores, compositores, poetas, rogarão as suas inspirações ao Espiritismo, e ele as fornecerá, porque é rico, é inesgotável. Muito mais importante do que o auxílio que a arte pode oferecer ao Espiritismo, é a transformação que a Doutrina Espírita causará, e já está causando, na arte. (5)

As primeiras expressões artísticas identificadas com a doutrina espírita surgem em 1858, pouco após o lançamento de *O Livro dos Espíritos*. Observa-se, nesse primeiro período, uma forte identificação entre arte e mediunidade. A edição de maio, de 1859, da *Revista Espírita*, traz uma matéria sobre o fragmento de uma sonata atribuída ao espírito de Mozart, pelo médium Bryon-Dorgeval. (6) Em 1860, Kardec utiliza, pela primeira vez, a expressão *Arte Espírita*, propondo-a como o terceiro elemento de uma tríade formada, também, pela arte pagã e pela arte cristã. O Espiritismo não poderia negar ou dispensar a atividade artística; ao contrário, os conceitos e concepções que traz,

ajudam-nos a ampliar nossa visão acerca da arte, vista como elemento importante no movimento de elevação das almas, rumo ao porvir feliz e venturoso de equilíbrio espiritual.

É perfeitamente possível e verdadeiro o propósito de sensibilizar corações com a mensagem espírita, através da arte. Para isso, entretanto, é preciso se assumir o compromisso de FIDELIDADE com o Espiritismo. O espírita precisa burilar, incansavelmente, as obras artísticas de qualquer gênero e colaborar na Cristianização da Arte, sempre que se lhe apresentar ocasião, lembrando que a Arte deve ser o Belo, criando o Bem. "O artista espírita deve preferir as composições artísticas de feitura espírita integral, preservando-se a PUREZA DOCTRINÁRIA. A arte enobrecida estende o poder do amor." (7) (destaque meu)

A arte é excelente ferramenta para trabalhar a intuição e a sensibilidade, além de promover a inter-relação alegre e harmoniosa entre as pessoas. É, sem dúvida, expressão de harmonia, de aprimoramento e de beleza. Quem a transmite consegue estabelecer contato com a natureza e com o seu Criador. Nós vamos entender que Deus, ao criar a vida, não se afastou da beleza, da harmonia e da perfeição.

Que o Espiritismo seja a base das apresentações artísticas para quem trabalha com arte voltada para a divulgação e engrandecimento, posto que, é através da arte que o ser interage com o ambiente em que vive; e, principalmente, como forma de expressão, de materialização de idéias, sentimentos e percepções, em consonância com o patamar evolutivo em que se encontra.

Diante do exposto, convidamos os artistas espíritas a estudarem, mais profundamente, a maravilha de doutrina que temos ao nosso alcance, para dar a qualidade devida à Arte Espírita. Aos literatos e poetas, que refinem a poesia; aos pintores, que burilem a pintura; aos músicos, aos atores e aos dançarinos, que aperfeiçoem seus talentos, incansavelmente. Dessa forma, a Arte, aliada ao Espiritismo, assentará seus pilares e consolidará seu lugar, para fortalecer, ainda mais, o movimento espírita brasileiro, espalhando mais talentos por todos os cantos do mundo, sem jactâncias, sem pieguismos, sectarismos, fanatismos e tantos "esquisitismos" estranhos que teimam invadir nossas hostes através dos misticismos inócuos.



## Referências bibliográficas:

- (1) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001, pag. 100, perg. 161
- (2) Denis, Léon. O Problema do Ser, do Destino e Da Dor, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1999
- (3) Xavier, Francisco Cândido. Nosso Lar, ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed FEB 2001, Cap. 45
- (4) Kardec, Allan. Obras Póstumas, Rio de Janeiro, Ed FEB, 1992
- (5) Artigo de Flávio Fonseca editado na Revista Cristã de Espiritismo nº 1
- (6) Kardec, Allan. Revista Espírita, edição de maio de 1859, Brasília: Edicel, 2001,
- (7) Vieira, Waldo. Conduta Espírita, ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1992



**Acima de todas as verdades astrológicas, temos o evangelho**

Em menos de quatro meses, a China foi castigada por uma série de catástrofes naturais e agitada pelos violentos protestos no Tibete. A esses tristes quadros, somaram-se os tumultos criados por ativistas tibetanos durante o revezamento da tocha olímpica ao redor do Mundo. Depois, aconteceu ainda um mortífero acidente ferroviário, seguido pelo catastrófico terremoto de 7,9 graus na escala Richter, ocorrido no início desta semana, em Sichuan. Tenta-se explicar alguns desses acontecimentos com base na astrologia chinesa, um sistema tradicional desenvolvido há milhares de anos. Segundo essa crença, 2008 é o Ano do Rato. O povo chinês crê, fervorosamente, na astrologia dos animais. Difunde-se que o cavalo entra em choque com o rato. Isso é uma coisa muito comum, bastante conhecida do povo chinês. Portanto, se alguém nasce no Ano do Cavalo, por causa desse conflito, o Ano do Rato será muito turbulento para esse alguém. Acredita-se, ainda, que existe remédio para isso, bastando que as pessoas carreguem consigo um pingente de boi para amenizar os problemas, uma vez que o boi é visto como um amigo do rato. (!)

Não pretendemos condenar as práticas das culturas estranhas às nossas, pois que devemos, obviamente, respeitá-las, mas cabe-nos refletir, sob a lupa Espírita, a questão da Astrologia. Nosso ponto de partida é o testemunho de Emmanuel, quando lhe perguntaram se "-Os astros influenciam na vida do homem?" O Espírito deu a seguinte explicação: "-As antigas assertivas astrológicas têm sua razão de ser. O campo magnético e as conjunções dos planetas influenciam no complexo celular do homem físico, em sua formação orgânica e em seu nascimento na Terra; porém, a existência planetária é sinônimo de luta. Se as influências astrais não favorecem a determinadas criaturas, urge que estas lutem contra os elementos perturbadores, porque, acima de todas as verdades astrológicas, temos o Evangelho, e o Evangelho nos ensina que cada qual receberá por suas obras, achando-se cada homem sob as influências que merece."(1) (grifamos)

A Astrologia é, na sua origem, um sistema de pensamento e de crenças usado para explicar acontecimentos comuns e comportamentos humanos. Influenciava o homem, assim como os deuses ou as forças sobrenaturais, na ordenação do Mundo e do Universo. A respeito dessa crença, sabemos não ter qualquer base científica, nada havendo em relação aos próprios astros: sua massa, tamanho, distância, intensidade magnética ou eletromagnética, movimento, gravidade etc.. A Astrologia é baseada, exclusivamente,

em figuras imaginadas e mitológicas que envolvem o nome de alguns objetos celestes, que os astrólogos escolhem a bel-prazer, sem qualquer critério ou fundamento lógico. Senão, vejamos: as constelações, por exemplo, resultam do desenho que o agrupamento de estrelas forma no céu, como: Leão, Virgem, etc., mas, se nos fosse possível uma significativa aproximação com essas constelações, não mais seria a mesma a forma desses grupos estelares, e uma nova configuração se nos desenharia à vista.

Como se não bastasse, há a questão da precessão dos equinócios, que ocasiona outra mudança: a que se opera na posição dos signos do zodíaco. No percurso de translação da Terra, ao redor do Sol, em um ano, ela se encontra, a cada mês, diante de uma constelação. Estas são em número de doze, a saber: o Carneiro, o Touro, os Gêmeos, o Câncer, o Leão, a Virgem, a Balança, o Escorpião, o Sagitário, o Capricórnio, o Aquário, os Peixes. São chamadas constelações zodiacais, ou signos do zodíaco, e formam um círculo no plano do equador terrestre. Conforme o mês do nascimento de um indivíduo, dizia-se que ele nascera sob tal ou tal signo; daí os prognósticos da Astrologia. Porém, em virtude da precessão dos equinócios, os meses já não correspondem às mesmas constelações. Um indivíduo que nasça no mês de julho já não está no signo de Leão, porém no de Câncer. Cai por terra, assim, a idéia supersticiosa da influência dos signos!" (2)

A propósito, Kardec ainda explica que a "-Astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros, que ela estudara; mas, na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do Universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos, que a superstição atribuía uma influência moral e um sentido revelador. Quando Galileu, Newton e Kepler tornaram conhecidas essas leis, quando o telescópio rasgou o véu e mergulhou nas profundezas do espaço um olhar que algumas criaturas acharam indiscreto, os planetas apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso e todo o castelo do maravilhoso desmoronou." (3)

Portanto, para os espíritas, a Astrologia não tem qualquer fundamento lógico quanto à influência dos astros sobre o destino dos homens. No que pese o acatamento respeitoso que merecem os estudos astrológicos, sabemos, no entanto, que, dentro do nosso zimbório celestial e da conjunção dos astros, quem nasce sob esta ou aquela ação magnética por eles emanada, pode até sofrer certas influências psicofísicas e comportamentais, mas sem que isso

modifique o seu destino, que é traçado pelas nossas ações e reações do pretérito. Isso, porque, alguém que nascesse fortuitamente dentro de uma conjunção astrológica favorável, estaria ludibriando as Leis de Deus. André Luiz nos acalenta, sobre essa questão, da seguinte forma: "Jamais impressionar-se com prognósticos astrológicos desfavoráveis, na certeza de que, se as influências inclinam, a nossa vontade é força determinante." (4) O Mestre de Lyon questiona os Benfeitores se "- Há pessoas que uma fatalidade parece perseguir independentemente de sua maneira de agir; a infelicidade não está no seu destino?" Os Espíritos ensinam-lhe que "- Pode ser que sejam provas que elas devem suportar e que escolheram. Mas, ainda uma vez, levais à conta do destino o que não é, o mais frequentemente, senão a consequência de vossa própria falta. Nos males que te afligem, esforça-te para que a tua consciência seja pura, e serás consolado em parte." (5)

Admitir que o indivíduo pudesse ser brando ou violento, ter vocação para o estudo ou odiar livros, ser trabalhador ou preguiçoso, por influência astrológica, é algo muitíssimo estranho. Poderia ter sido um criminoso, um desequilibrado qualquer, na encarnação anterior... Por uma injunção casual, renasce agora, dentro de um bom aspecto planetário, para gozar, então, de uma felicidade que o justo não tem?! Isto seria uma aberração nos Estatutos da Lei de Deus. Os astros não governam nossa vida. Somente quem está sempre aberto a aquiescer ilusões sobre os mistérios do destino humano, acredita nisso. Há pessoas tão criativas, que até lêem o futuro dos outros na borra do café e, lógico, que muitos ganham dinheiro, apostando na ingenuidade humana, não há a menor dúvida.

Sabemos que há muitos psiquiatras, psicanalistas, psicólogos, astrólogos, esotéricos e aproveitadores de toda sorte, que enriquecem a custa da infelicidade alheia, da depressão do próximo. Existe todo tipo de comprimidos: pílulas para dor de dente, dor cabeça, para emagrecimento, para distúrbios do sono (benzodiazepínicos), calmantes (ansiolíticos), excitantes, etc.. Faz-se propaganda dos comprimidos como se eles pudessem resolver tudo. Em verdade, quando não entendemos o verdadeiro amor, ficamos procurando, nos labirintos da ilusão, uma fórmula mágica para a felicidade. O Mundo exige que as pessoas estejam, permanentemente, alegres e, por isso, ele se tornou o paraíso das drogas e do Prozac ou, ainda, das ilusões dos horóscopos.

Repetimos: a influência dos astros existe, somente, no complexo celular do homem físico, ou seja, não existe influência no caráter ou

no destino do homem, mas somente no físico. Quanto a essa influência, ninguém poderá negar. Se fizermos uma pesquisa, fatalmente, iremos comprovar que nas noites de Lua cheia, ocorre um maior número de partos nos animais, aí também incluímos o homem (animal racional). A influência da lua nas marés é outro exemplo que citamos. Os astros, pelas energias que emitem, inegavelmente, exercem influência uns sobre outros. Na Terra, via de consequência, determinados fenômenos naturais e determinadas matérias absorvem, igualmente, as tais radiações de energia. A nossa maneira de ser, o nosso caráter e o nosso destino são frutos de nossas aquisições ou ações pretéritas, ou seja, recebemos influências de nós mesmos ou, no máximo, de um ser humano para outro, mas, jamais, dos astros.

Ratificando este texto, no livro A Gênese, capítulo 7, Allan Kardec destaca a impropriedade da Astrologia, abordando fatos científicos, (6) mas a pá de cal sobre o assunto está na questão 867, (7) de O Livro dos Espíritos. Pergunta o Codificador: "-Donde vem a expressão: Nascer sob uma boa estrela?" Respondem os espíritos mentores, incisivamente: "- Antiga superstição, que prendia às estrelas os destinos dos homens. Alegoria que algumas pessoas fazem a tolice de tomar ao pé da letra."

O que propomos, nestes arrazoados, passa longe de deliberada condenação aos que acreditam em Astrologia, pois é nosso dever cristão que nos respeitemos, uns aos outros e, se hoje já encontramos a luz da Terceira Revelação, muitos a encontrarão, também, no porvir.

#### Referências bibliográficas:

(1) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001 questão n.º 140

(2) Kardec, Allan. A Gênese. Rio de Janeiro: FEB, 1991

(3) Idem

(4) Vieira, Waldo. Conduta Espírita, 21ª edição, Ditado pelo Espírito André Luiz, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2001, capítulo intitulado "PERANTE AS REVELAÇÕES DO PASSADO E DO FUTURO"

(5) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: FEB, 1991, questão 852

(6) Kardec, Allan. A Gênese. Rio de Janeiro: FEB, 1991, capítulo 7

(7) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, Rio de Janeiro: FEB, 1991, questão 867



### **Palavras às pessoas laureadas por títulos acadêmicos**

A humildade é o fundamento de todas as virtudes. Há os que elevam conceitos ou exageram virtudes de si próprios. Todavia, o humilde não se deixa lisonjear pelos elogios ou pela situação de destaque na qual se encontre por ter consciência do pouco que sabe diante da amplitude do saber.

Não concordamos com oradores espíritas que fazem questão de manter em seus nomes a sigla "doutor" e se vangloriam desse pronome de tratamento (1) nos eventos que participam em nome do Cristo. Importa ressaltar que o emprego ultrapassado de "doutor" é comum entre a gente mais humilde e sem instrução que associam a palavra a um status social ou a um nível de autoridade superior ao seu. Estratificações sociais que não se coadunam com o Evangelho.

Contudo é como se diz: "em terra de cego quem tem um olho é Rei". Ora, em terra de milhões de analfabetos, quem tem o título de bacharel é "doutor". Mas, a rigor, o título de "doutor" é conferido pelas universidades aos estudiosos, após concluírem curso de graduação e, mediante defesa de uma tese conseguem aprovação diante de uma banca de notáveis.(2) Etimologicamente, o vocábulo "doctor" procede do verbo latino "docere" ("ensinar"). Significa, pois, "mestre", "preceptor", "o que ensina". Da mesma família é a palavra "douto" que significa "instruído", "sábio".(3)

O principal pronome de tratamento, consagrado universalmente e o único que os legítimos espíritas devem usar como necessária manifestação de respeito, não importa a quem estejam se dirigindo, é "Senhor"/"Senhora" usando-se sempre o tratamento direto.(4) Por isso, quando um dirigente estabelecer um novo relacionamento com os oradores espíritas, limite-se ao uso de "Senhor", e não utilize ""doutor"", uma discriminação, a rigor um constrangimento que inequivocamente afeta a igualdade de tratamento garantida na prática

plena do Evangelho de Jesus.

Enquanto houver oradores que não se reconheçam como indivíduos comuns e acreditem merecer o tratamento cerimonioso, submetido às formalidades dos protocolos sociais, com cuidadosa discriminação em vários graus de adequação e propriedade, indiscutivelmente refletirá a prova de seu "potencial doutrinário" e "superioridade moral", incentivando comportamentos destorcidos das propostas cristãs.

É bastante conhecida a influência que as elites exercem nos diversos setores da sociedade e, como não poderia deixar de ser, também no movimento espírita. Fragmentos dela (elite) acabaram assumindo postos de comando nas federações e casas espíritas. E como veneram as glórias sociais, os títulos e o sentar nos primeiros lugares dos eventos o desfile da vaidade passa a ser apenas uma reflexo natural desse anti-espiritismo bem conhecido dos dias de hoje onde a troca pública de amabilidades é apenas o verniz da doença moral da nossa época.

Chico Xavier já advertia em 1977, "É preciso fugir da tendência à 'elitização' no seio do movimento espírita(...)o Espiritismo veio para o povo. É indispensável que estudemo-lo junto com as massas mais humildes social e intelectualmente falando e deles nos aproximarmos(...)Se não nos precavermos, daqui a pouco estaremos em nossas casas espíritas apenas falando e explicando o Evangelho de Cristo, às pessoas laureadas por títulos acadêmicos ou intelectuais(...)"(5)

Os "expositores-doutores" não devem esquecer que Chico Xavier, Divaldo Franco, tanto quanto no passado Léon Denis, não poderiam participar desses conclaves regidos pelo peso dos títulos acadêmicos, sob pena de se sentirem desambientados e constrangidos, por não terem titulação conferida pelas universidades do mundo. Isto para não citarmos o próprio Cristo, que não passou da condição de modesto carpinteiro. "Por mais respeitáveis os títulos acadêmicos que detenhemos, não hesitemos em nos confundir na multidão para aprender a viver, com ela, a grande mensagem. (...)"(6)

Não será com a construção de templos luxuoso, com competições de cargos eletivos, com disputas de exibição da tribuna entre os doutores, com as querelas dos simpósios, que iremos forjar opiniões equilibradas para a Terceira Revelação.

O importante é que haja menos competição e mais cooperação, a fim de transferir a Doutrina para as futuras gerações, conforme a

recebemos do Codificador e dos seus iluminados trabalhadores das primeiras horas.

Não é possível continuarmos ouvindo oradores, laureados pelo tratamento de doutores, realizarem discursos ufanistas de felicidade enquanto a humanidade agoniza na indignação da ignorância das letras.

#### Referências bibliográficas:

(1) O Aurélio define os pronomes de tratamento como "palavra ou locução que funciona tal como os pronomes pessoais". Os gramáticos, por sua vez, ensinam que esses pronomes são da terceira pessoa, substituindo o "tu" da segunda pessoa

(2) Alguns recorrem a LEI DO IMPÉRIO DE 11 DE AGOSTO DE 1827, que cria dois cursos de Ciências Jurídicas e Sociais, introduz regulamento, estatuto para o curso jurídico e, em seu artigo 9º dispõe sobre o Título (grau) de "doutor" para o Advogado,

(3) Nos países de língua inglesa, os médicos são chamados de "doctor". Quando escrevem artigos, ou em seus jalecos, no entanto, não empregam o termo, mas apenas o próprio nome, acompanhado da abreviatura M.D. (medical degree), isto é, "formado em Medicina", "médico".

(4) Problemas do Cerimonial. Nos círculos fechados da diplomacia, do clero, da burocracia governamental, do judiciário, etc., ainda existe o emprego codificado (São obrigatórios por Lei) de pronomes de tratamento laudatório, hierarquizados pela importância oficialmente atribuída a cada cargo

(5) Entrevista concedida ao Dr. Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense O Triângulo Espírita, de 20 de março de 1977, e publicada no Livro intitulado Encontro no Tempo, org. Hércio M.C. Arantes, Editora IDE/SP/1979.

(6) Idem





### **Nascido em Tarso, renascido nas vias de Damasco**

Saulo nasceu entre os anos 5 e 10 d.C.(1) em Tarso, província de Mersin, na zona meridional da Turquia central. Era descendente de uma respeitável e rica família de judeus da Diáspora.(2) Seu nome representava um tributo a Saul, primeiro rei judeu, consistindo, porém, a palavra Saulo na tradução para o grego. Possuía a cidadania romana, o que lhe conferia uma situação legal privilegiada. Sua formação rabínica foi iniciada aos 14 anos de idade, em Jerusalém, sob um

costume rígido por efeito das normas dos fariseus e exercitado a ter o orgulho racial, condição peculiar aos judeus da antiguidade. É importante pronunciar, porém, que sua inteligência espiritual foi moldada sob os toques da instrução de Gamaliel, um dos maiores catedráticos nos anais do Judaísmo. Imbuído de extrema retidão para com a sua fé, acuava os primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Certa ocasião, sentindo-se gravemente insultado por Estevão, na Casa do Caminho, deu início à violenta perseguição aos cristãos, culminando com a lapidação e extermínio do próprio Estevão(3), irmão de sua noiva Abigail.

Durante planejada viagem para enalço de Ananias, homem que influenciou as idéias da noiva, Saulo, no auge dos 25 anos de idade, teve uma clarividência do Mestre envolto em intensa luz. Aquele fenômeno ocorrido na via que conduzia a Damasco deixou-lhe cego; todavia foi socorrido pelo azado Ananias que lhe recuperou a visão. A partir daí, é impressionante a conversão de Saulo. Ele teve que modificar o conceito que fazia sobre o Cristo e inverter a opinião sobre a supremacia do judaísmo.

Os primeiros cristãos tinham como preceito de fé e prática os estudos das regras do Torá (Pentateuco de Moisés), normalmente na versão grega (Septuaginta) ou a tradução aramaica (Targum). Indignado com aquela conjuntura, Saulo asseverou que recebeu as "Boas Novas" por uma revelação pessoal de Jesus Cristo, razão pela qual se entendia independente da comunidade de Jerusalém, conquanto alegasse sua concordância com a essência do conteúdo das lições.

Os ensinamentos paulinos são fortemente desiguais dos princípios originais de Jesus, anotados pelos evangelistas. Alguns analistas garantem que o Apóstolo de Tarso sintetizou o judaísmo, o gnosticismo(4) e o misticismo(5) para um Cristianismo como uma religião com um "salvador" cósmico.

O Espírito Emmanuel afirma que "no trabalho de redação dos Evangelhos, que constituem o portentoso alicerce do Cristianismo, verificavam-se, algumas dificuldades para que se lhes desse o precioso caráter universalista. Todos os Apóstolos do Mestre haviam saído do teatro humilde de seus gloriosos ensinamentos; mas, se esses pescadores valorosos eram elevados Espíritos em missão, estavam muito longe da situação de espiritualidade do Mestre, sofrendo as influências do meio a que foram conduzidos."(6)

É fato! Basta verificar o seguinte: Mateus escreveu para convencer os judeus que Jesus era o Messias que estava por vir, desta forma enfatizou o Antigo Testamento e as profecias a respeito desse ungido; Marcos, sobrinho de Barnabé e “filho” adotado de Pedro, escreveu para evangelizar, mormente os romanos, relatou somente quatro das parábolas de Jesus, enfatizando especialmente as atuações de Jesus; Lucas (não conheceu Jesus pessoalmente) escreveu para os gentios, enfatizando a misericórdia de Deus através da “salvação”, sobretudo para os pobres e humildes de coração, e João (sobrinho da Mãe de Jesus) escreveu num contexto mais vasto a propósito da missão do Mestre.

Depois do martírio do Gólgota, discípulos e apóstolos do Mestre, de modo geral, começaram a contemporizar com a autoridade do judaísmo. Emmanuel explana que “quase todos os núcleos organizados, da doutrina, pretenderam guardar feição aristocrática, em face das novas igrejas e associações que se fundavam nos mais diversos pontos do mundo.”.(7) Em razão dessa anomalia doutrinária, Jesus resolveu convidar “o espírito luminoso e enérgico de Saulo de Tarso ao exercício do seu ministério.”. (8) Essa determinação foi uma ocorrência das mais expressivas na história do Cristianismo. As atitudes, atuações e missivas de Paulo consubstanciaram-se em decisivo componente de universalização da Doutrina Cristã.

Paulo transformou as crenças religiosas e a filosofia de toda a região da bacia do Mediterrâneo (Sul da Europa, Norte da África, zona mais ocidental da Ásia, Oriente Próximo). Nas viagens missionárias percorreu cerca de 16.000 km, a pé ou de navio. Foram quatro grandes excursões apostólicas: 1ª Viagem (46-48 d.C.); 2ª Viagem (49-52 d.C.); 3ª Viagem (53-57 d.C.); 4ª Viagem (59-62 d.C.), sendo que na última viajou a Roma como prisioneiro, para ser julgado, e nunca mais retornou para a Judéia.

Com ênfase proferiu o Missionário dos Gentios, “fiz muitas viagens - Sofri perigos nos rios e mares, ameaças dos ladrões, riscos por parte dos meus irmãos de raça, perigos por parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por parte dos falsos irmãos.”.(9) De cidade em cidade, de igreja em igreja, o convertido de Damasco, com o seu admirável prestígio, falou do Mestre, inflamando os corações. “A princípio, estabeleceu-se entre ele e os demais Apóstolos uma penosa situação de incompreensibilidade, mas sua influência providencial teve por fim evitar uma aristocracia injustificável dentro da comunidade cristã, nos seus tempos

inesquecíveis de simplicidade e pureza.”.(10) Curiosamente, o uso do nome Paulo surge pela primeira vez quando ele começou sua primeira jornada missionária. Em “Atos”(11), o Evangelista dos Gentios aparece, juntamente com Barnabé e João Marcos, conversando com Sérgio Paulus, um oficial romano em Chipre que foi convertido por ele. Paulus era um sobrenome romano e alguns argumentam que Paulo o adotou como seu primeiro nome. Há os que consideram admissível a homenagem a Sérgio Paulus, mas, provavelmente a mudança pode estar relacionada ao desejo do apóstolo em se distanciar da história do rei Saul.

Paulo, ao levar o Cristianismo a outros povos, não exigia a circuncisão desses novos cristãos. Diante disso, os discípulos de Jerusalém se reuniram em torno de Tiago para fazer valer a obrigatoriedade da circuncisão. O apóstolo de Tarso foi a Jerusalém para discutir o assunto. Em sua epístola, declara que foi neste encontro que Pedro, Tiago e João aceitaram a sua missão junto aos gentios.(12) Apesar do acordo encontrado na reunião de Jerusalém, o Convertido de Damasco confrontou publicamente Pedro, no que ficou conhecido como "Incidente em Antioquia", por causa da relutância do ex-pescador em realizar suas refeições com os cristãos gentios em Antioquia.

Escrevendo posteriormente sobre o incidente, relata: “Se tu [Pedro], sendo judeu, vives como gentio, e não como judeu, como obrigas os gentios a viver como os judeus?”.(13) Barnabé, que até aquele momento era companheiro de viagem de Paulo, ficou do lado de Pedro. Conquanto abandonado, Paulo não desistia, e foi um constante formador de missionários(as) e de equipes missionárias itinerantes. As suas cartas e Atos citam os nomes de 63 missionários(as).

Na sua ética, não permitiu o mercantilismo do Cristianismo. Pregou o Evangelho gratuitamente(14) e justificou essa atitude: “Pregamos o Evangelho a vocês, trabalhando de dia e de noite, a fim de não sermos de peso para ninguém”.(15) Até porque “tudo posso naquele que me fortalece”.(16) Paulo partiu para Jerusalém em 57 com uma coleta de dinheiro que realizou para atender as vítimas da grande fome que ocorreu na Judéia. Viajou para a Casa do Caminho para entregar a ajuda financeira da igreja de Antioquia, igreja essa que já era um centro importante para os fiéis após a dispersão dos discípulos de Jesus que se seguiu ao martírio de Estevão, e foi aí em Antioquia que os

seguidores de Jesus foram, pela primeira vez, chamados de cristãos, por sugestão de Lucas.

Paulo foi implacável contra a circuncisão, contra as restrições alimentares e contra os requerimentos da Tora(17), e isto provocou o rompimento final com os judeus. Foi notadamente açoitado pelos judeus, que o consideravam um grande infiel. Na sua derradeira ida a Jerusalém, o filho de Tarso causou um alvoroço ao aparecer no Templo, e somente escapou da morte por ter sido preso. Ele foi então mantido encarcerado por quase 2 anos em Cesareia até que um novo governador reabrisse seu processo em 59 d.C. Paulo foi acusado de traição, por isso recorreu a César, alegando seu direito, como cidadão romano, de ser levado a um tribunal apropriado e de se defender das acusações.

Foi enviado para a capital do Império Romano por volta do ano 60; passou mais 2 anos em prisão domiciliar. No caminho para Roma, Paulo sofreu um naufrágio em "Melite" (Malta). Apesar de não ter sido o introdutor do Cristianismo em Roma, pois já havia cristãos na capital do Império, quando aí chegou teve um desempenho importante na formação da Igreja na capital de César.

O noivo de Abigail, em face dos seus sobre-humanos testemunhos, desabafou: “eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim.”(18) “Dos judeus recebi cinco chicotadas menos uma. Fui flagelado três vezes; uma vez fui apedrejado; três vezes naufraguei; passei um dia e uma noite em alto mar...”(19). Pressagiou ao discípulo Timóteo: “Meu sangue está para ser derramado, chegou o tempo da minha partida. Combati o bom combate, terminei a minha corrida, conservei a fé...”(20).

Paulo foi decapitado na Via Apia, em Roma, pela soldadesca romana nos primeiros meses do ano 67, durante a perseguição do insano imperador Nero. Nessa conjuntura, o Apóstolo dos Gentios transportava a experiência de 59 anos de idade, sendo que 30 deles dedicados a intensa vida missionária, dos quais cerca de seis anos amargou prisões, açoites, apedrejamentos e, por fim, o fio da espada amaldiçoada do famigerado soldado de César.

Descreve Emmanuel(21) que no momento da desencarnação, Paulo sentia a angústia das derradeiras repercussões físicas; mas, em poucos minutos, experimentou alívio reparador. Tomado de surpresa, foi recebido por Ananias, que o transportou a Jerusalém, e ali, foi orar a Jesus para ofertar-lhe o agradecimento. Ananias e Paulo reuniram-se no cimo do Calvário e aí cantaram hinos de esperanças e de luz.

Lembrando os erros do passado amarguroso, Paulo de Tarso ajoelhou-se e elevou a Jesus fervorosa súplica.

Desenhou-se então, na tela do Infinito, um quadro de beleza singular e surgiu na amplidão do espaço uma senda luminosa e três vultos que se aproximaram radiantes. O Mestre estava ao centro, conservando Estevão à direita e Abigail ao lado do coração. O Mestre sorriu, indulgente e carinhoso, e falou:

- Sim, Paulo, sê feliz! Vem, agora, a meus braços, pois é da vontade de meu Pai que os verdugos e os mártires se reúnam, para sempre, no meu reino!...

E assim unidos, ditosos, os fiéis trabalhadores do Evangelho da redenção seguiram as pegadas do Cristo, em demanda às esferas da Verdade e da Luz...

#### Referências bibliográficas:

- (1) Alguns afirmam ano 8 d.C.
- (2) Dispersão
- (3) Nome grego sugerido por Pedro a Jeziel , que se tornou o primeiro mártir do Cristianismo.
- (4) Conjunto de correntes filosófico-religiosas sincréticas que chegaram a mimetizar-se com o Cristianismo primitivo
- (5) Busca da comunhão com a identidade, com, consciente ou consciência de uma derradeira realidade, divindade, verdade espiritual, ou Deus através da experiência direta ou intuitiva
- (6) Xavier, Francisco Cândido. A Caminho da Luz, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1977
- (7) idem
- (8) idem
- (9) 2Cor 11,26
- (10) \_\_\_\_\_, Francisco Cândido. A Caminho da Luz, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1977
- (11) Atos 13:6-13
- (12) Essa primeira magna reunião cristã foi muito importante para o início do cristianismo, porque teve como principal objetivo discutir a incompatibilidade da doutrina nascente com as regras

antigas da Sinagoga. Foi o marco do desligamento do Cristianismo do judaísmo e confirmou o ingresso dos não-judeus na cristandade.

(13) Gálatas 2:11-14

(14) 1Cor 9,18

(15) 1Ts 2,9

(16) Filipenses 4,13

(17) O Cristianismo baseado na tradução grega Septuaginta também conhece a Torá como Pentateuco, que constitui os cinco primeiros livros do Velho Testamento.

(18) Gálatas 2,20

(19) 2Cor 11,24-25

(20) 2Timóteo 4,6-7

(21) Xavier, Francisco Cândido. Paulo e Estevão, ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1990



### **Importância dos estudos doutrinários no centro espírita**

O Centro Espírita é núcleo formador da educação moral e espiritual do homem, além de ser santuário de prece e de trabalho. “Os candidatos ao exercício mediúnico precisam estar bem conscientes de que se encontram diante de um dos mais sérios compromissos

espirituais com a vida.” (1) Antes mesmo de serem inseridos nos grupos mediúnicos, que os Centros Espíritas organizam para o cumprimento dessa bela e radiosa faculdade, os médiuns devem cientificar-se, com segurança e discernimento, do que seja a Doutrina Espírita. Será que os candidatos à tarefa mediúnica conhecem os princípios fundamentais deixados por Allan Kardec nas obras basilares e nas instruções complementares? Isso equivale afirmar que se pode falar em ensino espírita, se partirmos dos seus pressupostos básicos, ou seja, do acervo que existe nos livros da Codificação.

Nosso ponto de partida, nessa discussão, tem que ser o Sábio de Lyon, pois foi ele quem sistematizou o Projeto do Paraclete e criou os termos Espiritismo e Espírita. Destarte, no “Projeto 1868”, Kardec esclarece que “um curso regular de Espiritismo seria professado com o fim de desenvolver princípios de Ciência e de difundir o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos e capazes de espalhar as idéias espíritas, além de desenvolver grande número de médiuns. “Considero esse curso de natureza a exercer capital influência sobre o futuro do Espiritismo e sobre suas consequências”. (2)

O Movimento Espírita brasileiro, através da Casa-mater (FEB), criou o Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita-ESDE, lançando, na década de 1980, uma campanha nacional para a adoção de um programa a ser cumprido nos Centros. Decorrido algum tempo, o ESDE não somente foi adotado com entusiasmo nas Casas Espíritas, como, atualmente, a FEB vem propondo um estudo mais aprofundado do conteúdo Espírita. Diversas casas espíritas implantaram esse programa e constataram sua praticidade, facilitando e melhorando a qualidade dos estudos. A rigor, em uma Casa Espírita equilibrada, o estudo doutrinário deve ter prioridade número UM. Essa é a ÚNICA forma de os grupos espíritas funcionarem de forma harmônica. O estudo sério não pode ser feito, proveitosamente, senão por homens sérios, perseverantes, isentos de prevenções e animados de uma firme e sincera vontade de chegar a um resultado satisfatório e, conseqüentemente, equilibrado. Quem se dispõe a dominar uma Ciência deve estudá-la de maneira metódica, começando pelo básico e seguindo o seu encadeamento de idéias. O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dê. Acontece o mesmo em nossas relações com os Espíritos. Se desejamos aprender com eles, temos de seguir-lhes o curso; mas, como entre nós, é necessário escolher professores e trabalhar com assiduidade”.(3)



Na Pátria do Evangelho, um grande impulso para os bons estudos doutrinários aconteceu com o aparecimento do médium Chico Xavier, onde destacamos, em meados do século passado, os 16 livros da série "A Vida no Mundo Espiritual". Pois é! André Luiz não deve ser apenas lido. Para um melhor aprendizado, suas obras devem ser estudadas em profundidade. Não podemos deixar de mencionar, também, as contribuições valiosas de Yvonne A. Pereira, Pedro Franco Barbosa, Deolindo Amorim, Divaldo Franco, Francisco Thiesen e Juvanir Borges.

O Espírito Emmanuel define o Centro Espírita como a universidade da alma, o que nos leva a refletir que a atitude, tanto de quem ensina como de quem aprende, deve ser a de formar almas compenetradas de suas responsabilidades perante si mesmo e perante os outros. Os coordenadores dos cursos doutrinários devem evitar, a todo custo, o autoritarismo. Não pode dizer ao aprendiz: "Você é médium e tem que desenvolver a mediunidade"; nada mais ridículo que isso. Desenvolver a mediunidade não é receber Espíritos; é estar cada vez mais em sintonia com os bons Espíritos que nos acompanham, e para que isso aconteça, os médiuns têm que primar pela boa conduta, aprimorando-se moralmente.

Lembra o Espírito Verdade: "Espíritas: amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo".(4) Entretanto, a obrigatoriedade pelo estudo deve ser relativizado, pois muitos confrades não sabem ler e nem escrever. A relação ensino-aprendizagem é de grande utilidade, tanto para o educador como para o educando. Contudo, não transformemos o ensino-aprendizagem doutrinário em um acúmulo de informações e raciocínios, sem qualquer vínculo com as necessidades prementes do Espírito imortal.

Estudar Espiritismo requer atenção contínua, observação profunda e, sobretudo, como, aliás, todas as ciências humanas, a continuidade e a perseverança. Necessitamos de anos para fazer um médico medíocre e três quartas partes da vida para fazer um sábio, mas muitos querem obter, em algumas horas, a Ciência do infinito! Que ninguém, portanto, se iluda: "O estudo do Espiritismo é imenso; liga-se a todas as questões metafísicas e de ordem social; é todo um mundo que se abre diante de nós. Será de espantar que exija tempo, e muito tempo, para a sua realização?" (5) Os Centros, normalmente, adotam cursos ditos "básicos", com dois anos ou três de duração. Na esmagadora maioria deles, a carga horária média semanal é de uma hora e meia, perfazendo seis horas por mês. Levando-se em conta que metade dos

meses de dezembro e fevereiro, e os meses inteiros de janeiro e julho são destinados às férias, temos nove meses de efetivo curso, o que equivale a 54 horas por ano. “Mas os que desejam conhecer completamente uma ciência devem ler, necessariamente, tudo o que foi escrito a respeito, ou pelo menos o principal, não se limitando a um único autor. Devem mesmo ler os prós e os contras, as críticas e as apologias, iniciar-se nos diferentes sistemas a fim de poder julgar pela comparação. Neste particular, não indicamos nem criticamos nenhuma obra, pois não queremos influir em nada na opinião que se possa formar”. (6)

Há aqueles que crêem, unicamente, no trabalho de assistência social para ser considerado um respeitável espírito e um bom médium. Porém, vale refletir o seguinte trecho da obra “Paulo e Estevão”: Há dois mil anos Paulo diz: “É justo não esquecer os grandes serviços da igreja de Jerusalém aos pobres e aos necessitados, e creio mesmo que a assistência piedosa dos seus trabalhos tem sido, muitas vezes, sua tábua de salvação. Existem, porém, outros setores de atividade, outros horizontes essenciais. Poderemos atender a muitos pobres, ofertar um leito de repouso aos mais infelizes; mas sempre houve e haverá corpos enfermos e cansados, na Terra. Na tarefa cristã, semelhante esforço não poderá ser esquecido, mas a iluminação do espírito deve estar em primeiro lugar. Se o homem trouxesse o Cristo no íntimo, o quadro das necessidades seria completamente modificado”.(7) (grifei). Os Benfeitores reenfazem o impositivo do estudo, a fim de que a luz do entendimento nos ensine a caminhar com segurança e a viver proveitosamente. Eles estabelecem o confronto entre a fome e a ignorância – dois dos grandes flagelos da Humanidade. Qualquer pessoa pode atender à fome. Raras criaturas, porém, conseguem socorrer a ignorância. Para sanar a fome, basta estender o pão. Para extinguir a ignorância é indispensável fazer luz.

#### Referências bibliográficas:

- (1) Francisco Cândido Xavier. Lições de Sabedoria. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997, p.140
- (2) Kardec, Allan. Obras Póstumas, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2000, p. 342

(3) Kardec, Allan. “O Livro dos Espíritos”, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2002, Introdução, cap. VIII – Perseverança e seriedade.

(4) Kardec, Allan. “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1999, cap. VI – O Cristo Consolador, Espírito de Verdade.

(5) Kardec, Allan. “O Livro dos Espíritos”, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2002, Introdução, cap. XIII – As divergências de linguagem.

(6) Kardec, Allan. “O Livro dos Médiuns”, Rio de Janeiro: Ed FEB, 1996, 1ª parte, cap III – Método, item 35

(7) Xavier, Francisco Cândido. Paulo e Estevão, Ditado pelo Espírito Emmanuel, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1978, pág. 326



## **Deus abençoe todas as mulheres do mundo!**

No passado remoto ou recente predominava o machismo, a supremacia imposta pela força física. Comportamento este que aniquilava a personalidade da mulher. O homem exerceu sobre ela férreo domínio, restringindo a atividade da mulher ao interior do lar, impedindo-lhe o acesso à cultura e ao poder. Apesar de tudo, foi ela desde os primórdios da história a modeladora da alma das gerações. Ainda hoje é ela que faz os heróis, os poetas, os artistas cujas realizações e epopéias fulguram através dos milênios.

O Cristianismo primitivo foi o primeiro movimento histórico que tentou dar à mulher uma condição de "status" social igual a do homem. Até porque dela provém a vida; e ela a própria fonte desta, a regeneradora da raça humana, que não subsiste e se renova senão por seu amor e seus ternos cuidados.

Mas, com o passar dos anos o movimento cristão fragmentou-se, e a única vertente que sobreviveu e cresceu sobre a função social da mulher foi a interpretação do Convertido de Damasco.

O Apóstolo dos Gentios era formado no rígido patriarcalismo da lei judaica, mesmo tendo realizado em si profundas transformações morais com relação aos costumes e tradições legados de sua estirpe racial, ainda assim, após sua conversão, não superou alguns de seus costumes cristalizados, sobretudo em referência às mulheres.

Comprovam sua rigidez contra elas as suas missivas a Timóteo: "Não permito à mulher que ensine, nem se arrogue autoridade sobre o homem, mas permaneça em silêncio, com espírito de submissão."(1) Ou, ainda, aos cristãos de Corinto quando prescreve "Se desejam instruir-se sobre algum ponto, perguntem aos maridos em casa; não é conveniente que a mulher fale nas assembléias."(2) E aos Colossenses admoesta: "mulheres, sejam submissas a seus maridos, pois assim convém a mulheres cristãs."(3)

Percebe-se, sem muito esforço de interpretação, que o apóstolo de Tarso não assimilou, na prática, que a liberdade de consciência que ele apregoava envolvia também os anseios femininos. Distorção que o

Espiritismo corrigiu, desautorizando qualquer idéia de rebaixamento da mulher em relação ao homem e vice-versa.

Todo inócuo argumento machista de a mulher ser apenas a sombra do marido, procriadora por excelência, objeto de prazer ou apenas alguém que tome conta da casa, é evidente que precisa ser aclarado e desfeito, por ser fenômeno extemporâneo.

"Com o corpo terrestre, Maria de Nazaré honorificou a missão da mulher, recebendo Jesus nos braços maternos e é consagrada pelo Cristo como mãe de toda a humanidade."(4) A mulher é exponencial referência do equilíbrio definitivo do Planeta.

Cabe a ela influir decisivamente sobre os seres que reencarnam, transmitindo-lhes a primeira noção da vida. Porque a mãe é o agente educador por excelência. Por isso é imprescindível a tarefa que desenvolve a mulher no núcleo familiar, buscando para si e para os seus uma vida mais evangelizada, pois Jesus conta com o contingente feminino, na transformação da sociedade contemporânea.

Concebemos até que a mulher deva reduzir, o quanto lhe for possível, o tempo gasto no trabalho profissional e se esforce mais na tarefa da educação de seus filhos, preferindo ganhar um pouco menos em valores materiais e potencializando seus tesouros espirituais.

Sabemos que atualmente não está fácil essa tarefa, pois a sociedade se curvou ante o consumismo materialista, sequestrando a mulher do lar para enclausurá-la nas funções hodiernas às vezes subalternas a sua grandeza e quase sempre estranhas à sua natureza.

No entanto, no desafio que se impõe a mulher, pensamos que é sua principal missão sensibilizar o mundo com uma atuação profissional mais humana, menos burocrática e mais efetiva em favor do semelhante., sem porém, nunca esquecer a ternura do lar, invertendo os valores legítimos da alma.

A administração de uma família, atualmente, é tarefa extremamente importante . Dentro dessa pequena república há o fator econômico, as regras, a disciplina, o zelo, as tradições e a responsabilidade da formação moral e intelectual dos filhos.

A mulher deve conciliar o papel de mãe e esposa, por vezes deixado um pouco de lado. Por isso é importante não permitir que a competição do casal, as pressões do status, do dinheiro e do destaque sociais roubem o equilíbrio que a felicidade da família requer.

É importante citar que Jesus Cristo criou novo conceito da mulher, modificando os velhos conceitos da supremacia do homem sobre a ela, ao estabelecer no seio do Cristianismo, condições de igualdade de

trabalho entre os dois sexos. "O homem e a mulher, no instituto conjugal, são como o cérebro e o coração do organismo doméstico." (4)

"Homem e mulher são iguais perante Deus e têm os mesmos direitos porque a ambos foi outorgada a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir."(6) Não existem sexos opostos, mas complementares.

"Atendendo à soma das qualidades adquiridas, na fiera das próprias reencarnações, o Espírito se revela, no Plano Físico, pelas tendências que registra nos recessos do ser, tipificando-se na condição de homem ou de mulher, conforme as tarefas que lhe cabe realizar."(7)

Nada mais justo que a luta pela causa de maior liberdade e direito para a mulher. Afinal na Ordem Divina não há distinção entre os dois seres Porém, urge muita cautela. Os movimento feministas embora tenham seu valor, costumam cair no radicalismo querendo fazer da participação natural uma imposição. Muitas vezes, em seus intuitos, ao lado de compreensíveis pleitos, enuncia propósitos que fariam da mulher, não mais mulher, mas estereótipo do homem.

Jamais podemos deixar de lembrar que foram mulheres que colaboraram intensamente com Kardec na qualidade de médiuns. Modernamente observamos nas casas espíritas a presença maciça da mulher, nas múltiplas tarefas doutrinárias.

Se o movimento espírita mundial não contasse com a mão-de-obra, com a grandeza, com a persistência e com a moralidade feminina, certamente a Doutrina Espírita desapareceria.

Deus abençoe todas as mulheres do Mundo!

#### Referências bibliográficas:

- (1) (I Tim. 2, 9-13).
- (2) (Coríntios 14, 34-35)
- (3) (Colossenses 3: 18)
- (4) Xavier, Francisco Cândido. Viajor, Ditado pelo Espírito Emmanuel. Araras/ SP: IDE, 1985
- (5) Xavier, Francisco Cândido. Consolador, Ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed FEB, 1989, perg. 55

(6) Kardec, Allan. Livro dos Espíritos, RJ: Ed FEB, 2001 pergs. 817 a 822

(7) Xavier, Francisco Cândido. Vida e Sexo, Ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed FEB, 1999, cap. 1



### **Legítima visão espírita de Jesus de Nazaré**

Em meio à crescente proliferação de idéias exóticas no seio do nosso movimento, sobretudo nos preocupam aquelas cujo resultado é a deturpação da legítima visão espírita de Jesus de Nazaré.

Existem alguns confrades inquietos e invigilantes que desejam proscrever Jesus do Espiritismo. São pessoas dotadas de maiúscula insensatez que regurgitam suas santas ignorâncias e as torturantes cantilenas de que Jesus não é o único modelo de amor absoluto (?). Alegam que seria injusto que 2/3 da população da Terra que "nunca" ouviram falar do Messias, ficassem "órfãos" de suas lições. Segundo a revista alemã Der Spiegel o panorama estatístico de religiosos atuais do Orbe é o seguinte: Cristãos não católicos (17,0%), Cristãos católicos (16,9%), Muçulmanos (23,1%), Hindus (13,0%), Budistas (6,1%), Judeus (0,2%) e Outros (23,7%). Observa-se que 1/3 da humanidade procura seguir os ensinamentos de Jesus, e para a crença dos outros 2/3 que não "conhecem" o Cristo, apesar do mundo

globalizado atual, existiram e existem outros seres luminares, porém todos foram, são e serão discípulos de Jesus. (1)

Em verdade Jesus, durante milênios, enviou seus emissários para instruir povos, raças e civilizações com conhecimentos e princípios da lei natural. Além disso, há dois mil anos, veio pessoalmente ratificar os conhecimentos já existentes, deixando a Boa Nova como patrimônio para toda Humanidade. Examinando o trajeto histórico das civilizações identificamos que em todos os tempos houve missionários, fundadores de Religião, filósofos, Espíritos Superiores que aqui encarnaram, trazendo novos conhecimentos sobre as Leis Divinas ou Naturais com a finalidade de fazer progredir os habitantes da Terra. Entretanto, por mais admiráveis que tenham sido suas missões, nenhum se iguala ao Adorável Nazareno. Até mesmo porque todos eles estiveram a serviço do Mestre Incomparável, o Guia e Governador Espiritual deste mundo de expiação e provas.

Kardec, na introdução de O Evangelho Segundo o Espiritismo escolhe dentre as cinco partes o Ensino Moral, o único que não está afeito a controvérsias, podendo inclusive unir todas as crenças em torno da sua mensagem universalista. (2) Na Terra, onde se multiplicam as conquistas da inteligência (algumas resvalam e se enterram nas valas profundas das retóricas vazias) e fazem-se mais complexos os quadros do sentimento amarfanhado no materialismo, saibamos que Ele "no campo da Humanidade [foi o único] orientador completo, irrepreensível e inquestionável, que renunciou à companhia dos anjos para viver e conviver com os homens". (3)

Nos tempos áureos do Evangelho o apóstolo Pedro, mediunizado, definiu a transcendência de Jesus, revelando que Ele era "o Cristo, o Filho de Deus vivo" (4) . No século XIX o Espírito de Verdade atesta ser Ele "o Condutor e Modelo do Homem" (5). Para o célebre pedagogo e gênio de Lyon, o Cristo foi "Espírito superior da ordem mais elevada, Messias, Espírito Puro, Enviado de Deus e, finalmente, Médium de Deus."(6) Não há dúvidas que Jesus foi o Doutrinador Divino (7) e por excelência o "Médico Divino", (7) segundo André Luiz. (8) Por sua vez, Emmanuel o denomina de "Diretor angélico do orbe e Síntese do amor divino". (9)

Quando Allan Kardec questionou os Espíritos sobre quem teria sido o ser mais evoluído da Terra, recebeu uma resposta tão curta quanto profunda: "Jesus!". Sua lição é não só a pedra angular do Consolador Prometido, da Doutrina dos Espíritos, mas a régua de medida, o referencial universal com que aferiremos o nosso proceder,



o nosso avanço ou o nosso recuo no processo de espiritualização que nos propusermos: a visão real do que somos no íntimo de nossa consciência e quão perto ou distante estejamos do amado Mestre Jesus que nos exorta a amarmos uns aos outros como Ele nos amou. (10)

Amado por uns, odiado por outros, indiferente para muitos, Jesus deixou ensinamentos muito singelos mas profundos, ele aplicou a filosofia que difundia, desconcertando os inimigos gratuitos, granjeando apoios no povo e confundindo os restantes. Aos Espíritas sinceros cumpre não perder de vista essa realidade de suma importância - a total vinculação do Espiritismo com os ensinamentos de Jesus, o Cristianismo primitivo, pela base moral comum a ambos, sem desvios impostos pelo interesse dos homens.

Ele vela pela nau terrestre e Se compadece de cada um de nós, facultando-nos recomeço e paz. Cada palavra que o Mestre plasmou na atmosfera terrena dirige-se a todos nós, ontem, hoje e sempre independente de onde possamos estar ou do que fazemos. O Meigo Galileu transcende as dimensões da análise convencional e do grau de desenvolvimento científico, moral ou espiritual do maior dos nossos intelectuais, porquanto Ele já era o construtor de todo o nosso Sistema Solar, quando sequer a vida neste planeta se apresentara.

#### Referências bibliográficas:

(1) Emmanuel explica que os Capelinos, ao serem recebidos por Jesus, teriam guardado as reminiscências de seu planeta de origem e das promessas do Cristo, que as fortalecera ao longo do tempo, "enviando-lhes periodicamente os seus missionários e mensageiros." Os enviados do infinito falaram na China milenar, no Egito, na Pérsia etc.

(2) Kardec, Allan, O Evangelho Segundo o Espiritismo, RJ: Ed FEB, 2001, Introdução

(3) Revista Reformador - jan/2005

(4) Mt 13, 16-17.

(5) Kardec, Allan. O Livro dos Espíritos, RJ: Ed. FEB, 2001, pergunta 625

(6) Kardec, Allan. A Gênese, RJ: Ed. FEB, 1998, XV, item 2

(7) Xavier, Francisco Cândido. Os Mensageiros, Ditado pelo

Espírito André Luiz, RJ: Ed FEB, 2000, cap. 27)

(8) Xavier, Francisco Cândido. Missionário da Luz, Ditado pelo Espírito André Luiz, RJ: Ed FEB 2003, cap. 18

(9) Xavier, Francisco Cândido. O Consolador, Ditado pelo Espírito Emmanuel, RJ: Ed FEB 2001, 283 e 327.

(10) Revista Reformador - nov/1998



## **O jovem e a atividade mediúnica na casa espírita**

Se analisarmos as platéias dos centros espíritas em geral, observaremos que a presença de jovens é muito reduzida. Então, onde estão os jovens? Não teria o Espiritismo atrativos para eles? A inserção do jovem nos trabalhos do Centro Espírita é tarefa complexa, porém, de imperiosa relevância. É perfeitamente factível, sem causar instabilidades, nem aos jovens, e nem à Instituição, desde que seja coordenada por dirigentes sensatos e conhecedores das obras de Kardec.

É certo que há diferença entre o jovem e o adulto, ou seja, os mais novos estão em processo de amadurecimento, o que não significa afirmar que estão despreparados ou imaturos para seus compromissos doutrinários.

Lembremos que, ao desempenhar tarefas, tanto no Centro, quanto no Movimento Espírita, o jovem passa a sentir-se útil e parte integrante do todo, não, somente, um mero frequentador de "mocidades". Nesse aspecto, não se pode desconsiderar que ao se promover a inserção dos jovens no centro espírita, se estará preparando trabalhadores não só para o futuro, mas para o presente, de forma segura e necessária.

Somente através de um treinamento efetivo é que os evangelizadores estarão aptos a proporcionar e incentivar o ingresso dos jovens nas atividades do Centro e do Movimento Espírita. É só através desse preparo que os trabalhadores no processo saberão como, quando e onde inserir os jovens sob seus cuidados. Obviamente, que isso deverá ser feito de forma gradual e responsável, porém, constante. Por isso, é urgente investir forte, também, na qualificação dos trabalhadores envolvidos com os setores da juventude. Sem isso, corre-se o risco de a integração ser mal conduzida, ou feita de forma equivocada, o que traria sérios prejuízos, tanto para o jovem, como ao próprio centro e, em última instância, ao Movimento Espírita.

Dando-lhes a devida atenção, além de preservarmos o ânimo dos jovens, estaremos evitando uma possível evasão do mesmo em virtude do sentimento de impotência e frustração. Um dirigente atento

consegue identificar, nos jovens, suas habilidades e designá-los para tarefas compatíveis com elas e, nesse caso, a chance de êxito é muito maior. Isso é importante, pois, somente através da qualificação dos dirigentes e evangelizadores, como a conscientização dos trabalhadores em geral, é que serão abertas notáveis oportunidades aos jovens espíritas, inclusive, se for o caso, nas atividades mediúnicas.

Sobre as atividades no campo medianímico, deve-se frisar que em o Livro dos Médiuns, Cap. XVIII-221/8, é feita a seguinte pergunta aos espíritos: - "Em que idade se pode ocupar, sem inconvenientes, de mediunidade?" Os Benfeitores explicaram: "Não há idade precisa, tudo dependendo inteiramente do desenvolvimento físico e, ainda mais, do desenvolvimento moral. Há crianças de doze anos a quem tal coisa afetará menos do que a algumas pessoas já feitas. Falo da mediunidade, em geral; porém, a de efeitos físicos é mais fatigante para o corpo; a da escrita tem outro inconveniente, derivado da inexperiência da criança, dado o caso de ela querer entregar-se a sós ao exercício da sua faculdade e fazer disso um brinquedo."(1)

É muito comum, na adolescência, o afloramento das faculdades mediúnicas. Porém, é prudente, antes de os jovens se dedicarem à psicografia, às mensagens psicofônicas e/ou às outras possibilidades mediúnicas, visando o auxílio e consolo, ou, ainda, qualquer outra manifestação dessa ordem, que eles sejam chamados a colaborar na evangelização da infância, nos estudos da mocidade, nas obras assistenciais da casa, nas campanhas fraternas (a sopa, campanhas do "quilo", distribuição de cobertores, visitas a hospitais, presídios, creches e orfanatos etc.) e outras atividades rotineiras da casa, para que possam valorizar todas as tarefas e perceber a importância do trabalho persistente antes de assumirem o compromisso no intercâmbio direto com os Espíritos desencarnados.

Embora a mediunidade se manifeste em qualquer idade, não é recomendável que na infância se ofereça ensejo a uma educação mediúnica. A criança, não tendo, ainda, desenvolvido as percepções parasíquicas e mediúnicas, não saberá como se defender, ficando muito exposta às influências perturbadoras que derivam do seu passado espiritual. Cremos que a mediunidade possa ser exercida quando na idade do início da razão. Fisiologicamente analisando, quando as glândulas endócrinas estiverem organizadas. Daí, após a puberdade, no período dos 14 aos 15 anos, quando o jovem já possui maior discernimento, ele poderá participar de experiências mediúnicas. Enfim, a habilitação para a educação da mediunidade

naqueles que sentem, em qualquer grau, a presença dos espíritos, é na faixa etária dos 14 aos 16 anos.

As irmãs Fox, Catarina e Margarida, à época dos fenômenos de hydesville, tinham, respectivamente, 12 e 14 anos (para alguns, tinham 14 e 16 anos). Allan Kardec contou com a colaboração especial de 4 jovens médiuns na elaboração da primeira edição de O Livro dos Espíritos. Foram elas as irmãs Julie Baudin (15 anos) e Caroline Baudin (18 anos), Ruth Japhet (20 anos) e Aline Carlotti (20 anos). Dentre essas jovens destacamos Julie e Caroline Baudin que psicografaram a quase totalidade das questões de O Livro dos Espíritos nas reuniões familiares dirigidas por seus pais e assistidas pelo Mestre Lionês. (2) Ruth Japhet foi a médium responsável pela revisão completa do texto do Livro dos Espíritos, incluindo algumas adições (3) e Aline Carlotti que fez parte do grupo de médiuns, através do qual Kardec referendou as questões mais espinhosas do livro primeiro da Codificação, fazendo uso da concordância dos ensinamentos. (4)

Urge uma pequena reflexão sobre a Mediunidade. A rigor, o fenômeno mediúnico se apresenta sob dois aspectos: a mediunidade natural, que é essa genérica, e a mediunidade ostensiva, aquela que caracteriza os indivíduos com uma ampla possibilidade. Num determinado grupo de pessoas, todos são inteligentes, mas há os que são menos e os que são muito mais inteligentes, ou seja, as pessoas normais e as pessoas geniais; assim, também existem os portadores de um alto quociente mediúnico: aqueles que veem, aqueles que ouvem, aqueles que se tornam instrumento dos espíritos sem que haja um esforço pessoal e aqueles que escrevem com muita facilidade. A mediunidade é uma faculdade orgânica, porque o espírito é que tem o dom e o corpo oferece as células, para que o fenômeno tenha o seu campo. "A inteligência é do espírito, o cérebro oferece os neurônios para poder decodificar. É como um computador: se um programa é instalado, o programa é o que conta; o computador vai dar a resposta quando alguém digitar. Nós somos como que computadores, mas são os espíritos que digitam os fenômenos mediúnicos através de nós." (5)

Ressaltamos que a decisão de permitir um rapaz ou uma moça, na puberdade ou saindo dela, a frequentar um grupo mediúnico, é uma situação que deve ser muito bem pensada e avaliada. Principalmente, no que diz respeito à legítima necessidade e capacidade física e psíquica dos jovens, pois sabemos que essa fase da vida é, relativamente, complicada, em decorrência de automatismos

biológicos e psicológicos que a caracterizam. Lembremos que é o período dos sonhos romanescos do "doce encantamento" dos namoros, são as exigências de grupos sociais ("turmas", "tribos" ou "galeras"), diversões, agremiações esportivas e outras variadas formas de pressão psicossocial. Não se pode esquecer que os jovens, hoje, têm muito mais atividades do que na época de Kardec. Há outras opções que muitos jovens consideram interessantes, como o vasto mundo da Internet, com jogos, salas de amizade, namoro, pornografia, etc., sem falar na compulsão da simples curiosidade. "Contudo, medida bem diferente é baixar uma norma padrão, simplesmente proibindo [ou dificultando em demasia - o que é quase a mesma coisa] a presença de qualquer jovem nas reuniões mediúnicas, inviabilizando o início da tarefa daqueles que realmente apresentam sensibilidade acentuada e que precisam trabalhar mediunicamente, para não deixarem suas instrumentações psíquicas desassistidas." (6)

Somos favoráveis ao envolvimento do jovem nas questões dos fenômenos mediúnicos. Sobretudo, se o mesmo apresenta um bom grau de maturidade e se a mediunidade estiver naturalmente aflorada. Se o candidato é frequentador assíduo em grupos de estudos, cremos que os dirigentes poderão convidá-lo a participar de reuniões sobre educação da mediunidade, ocasião em que lhe será, também, explicado o controle sobre o fenômeno. Em muitos casos, o resultado é positivo, pois se desmistifica o trabalho mediúnico, mostrando-lhe como os fatos desse gênero acontecem de forma natural na prática.

Enfim, sabemos que a juventude lida com medos, incertezas, dúvidas, envolvendo relacionamento afetivo e profissão, auto-afirmação, busca pela aceitação, conflitos íntimos e uma infinidade de situações naturais. Por falta de bom senso de dirigentes espíritas, alguns jovens ficam à margem do caminho e se entregam aos vícios de todos os matizes, porque, não recebendo o apoio moral indispensável, não sabem lidar com os desafios que se lhes apresentam. Não podemos esquecer, sobretudo, que, nesses casos, a importância da família na formação de valores do ser é fundamental. A base familiar é essencial para ajudar o jovem a superar seus dilemas íntimos sem grandes atropelos.

Kardec e a espiritualidade ofereceram a teoria. A questão prática da aplicação dos princípios espíritas na educação dos jovens compete aos pais e educadores ministrarem, até porque, a prática confirma a teoria. Como lembramos acima, verifica-se que Kardec utilizou-se de jovens, com a faculdade mediúnica já mais aflorada, para codificar a

Doutrina Espírita. Portanto, é urgente investir nesses tesouros que frequentam a Casa Espírita, para a manutenção do lume da Terceira Revelação.

#### Referências bibliográficas:

(1) Kardec, Allan. O Livro dos Médiuns, Rio de Janeiro: Ed FEB, 2001, Cap. XVIII 221/8

(2) Kardec, Allan. Revista Espírita, SP: Edicel, 1858,

(3) idem

(4) Observar última checagem em obras póstumas, p. 270 (26ª edição da feb). Aline era filha de sr. Carlotti, um dos iniciadores de Kardec nas coisas do invisível em Obras Póstumas há uma mensagem do Espírito de Verdade, recebida pela srta. Carlotti (pág. 281, da edição citada). mais detalhes sobre o princípio da verificação universal podem ser encontrados na introdução(II) do Evangelho Segundo o Espiritismo

(5) Franco, Divaldo. Mediunidade e Vida Saudável (palestra) disponível <http://www.allankardec.nl/portugues/palestras/divaldo.htm>. acesso em 01 de dezembro de 2008

(6) Quintella Mauro. Mediunidade e Juventude, artigo, Cf. <http://www.Espirito.org.br/portal/artigos/diversos/mediunidade/mediunidade-e-juventude.html>



### **Imensa é a luta**

Jesus Cristo nos trouxe uma mensagem de paz, de amor, de justiça e de tolerância; uma mensagem de caráter permanente; uma mensagem cujos postulados soergue e anima. A partir de Sua mensagem o deus parcial, rancoroso e vingativo que extravazava o delírio da sua cólera, passou a ser suplantado pelo Criador de infinita misericórdia, de justiça e de perdão. Porém, Sua mensagem, que exonerou dos altares o racoros deus Jeová, Senhor dos Exércitos, que punia inclusive os erros dos pais nos filhos durante muitas gerações, tempos depois, transformou-se num guante pesado. A História o demonstra.

No século treze, ao Sul da França, nos arredores da cidade de Albi, propagava-se uma seita religiosa de origem eslava considerada herética pela religião dominante. Seus adeptos eram denominados albigenses (naturais de Albi) ou mais propriamente, cátaros, que em grego quer dizer puros. Nesse contexto, Gregório IX organizou um tribunal especificamente dedicado a tratar a heresia dos albigenses. Um dos movimentos que mais tinha certas ligações com os cátaros era a Ordem dos Templários, criado na Terra Santa, e que representavam uma associação militar cristã, oficialmente protetora das peregrinações religiosas e responsável pela guarda e câmbio de bens, mas igualmente aberta ao estudo e discussão de assuntos místicos. Mas, a Ordem de São Domingos foi convocada para dizimar os Cátaros e os dominicanos fizeram com que a ação desse famigerado tribunal se



propagasse a todo mundo cristão impiedosamente. Sobretudo na Itália e na Espanha o tribunal tomou o conhecido nome do Santo Ofício, que transformou-se uma instituição poderosíssima onde se distinguiram pela crueldade os inquisidores TORQUEMADA E XIMENES.

Mais tarde ocorreram as cruzadas, onde milhões de "bravos soldados do Cristo", partindo da França, da Inglaterra, da Itália, da Espanha sob o comando de Urbano II, que propunha aos seus seguidores banharem-se no sangue dos "infiéis" (violadores dos lugares santos da Palestina).

Movimento que esse que prenunciou a terrível Cruzada ulterior contra as CONSCIÊNCIAS – a ignóbil "INQUISITIONE". Os escritos históricos registram suas bárbaras atrocidades: GIORDANO BRUNO é queimado vivo em Roma no campo Fiore. GALILEU teve que negar a tese heliocêntrica e torna-se um prisioneiro em seu próprio domicílio, TOMMASO CAMPANELLA é perseguido durante 27 anos, sofre numa masmorra pelo terrível crime de querer pensar em LIBERDADE! JOÃO HUSS foi condenado à fogueira por ter proposto trinta e nove questões religiosas que o Concílio de Constança julgou heréticas. JERÔNIMO DE PRAGA, VANINI e SAVANAROLA tiveram a mesma sorte que HUSS. Muitos outros mártires mantiveram a luta pela emancipação do pensamento. Até que na Renascença bradou-se o grito de liberdade intelectual do homem. Essa aurora alvissareira ofuscava os monstros do obscurantismo e da tirania do cristianismo da época.

Tendo sedimentado seu total controle na Europa ocidental, a Igreja dominante constituíam-se em uma instituição poderosa econômica, política e militarmente. Equiparava-se a um gigantesco feudo, e sua organização impunha uma violenta censura e controle espiritual e intelectual (ou crer ou morrer), submissão total à autoridade eclesiástica, etc. Em brutal e explícita oposição ao socialismo humanista dos primeiros cristãos, a Igreja de Roma punha-se com toda a violência que dispunha contra todos os que questionassem a legitimidade cristã de tais atitudes.

Enfim, difícil, difícilimo mesmo é compreendermos esses testemunhos históricos do cristianismo, porquanto Jesus ensinou-nos o amor ao próximo como a nós mesmos, inclusive aos inimigos. A fazemos o bem aos que nos odeiam. Oramos pelos que nos perseguem e caluniam. Por tudo isso afirmamos que A MISSÃO do Espiritismo, tanto quanto o ministério do Cristianismo, não será

destruir as escolas de fé, até agora existentes. Jesus acolheu a revelação de Moisés. A Doutrina dos Espíritos respeita os princípios superiores de todos os sistemas religiosos. Jesus respeitou os Profetas do Velho Testamento. O Consolador Prometido não vem para perseguir os pioneiros dessa ou daquela forma de crer em Deus até porque o Espiritismo é, acima de tudo, o processo libertador das consciências, a fim de que a visão do homem alcance horizontes mais altos.



## **O Espiritismo é totalmente contrário à pena de morte**

Nas leis decretadas por Moisés, encontramos: "O que ferir um homem, querendo matá-lo, seja punido de morte. (...) O que ferir seu pai ou sua mãe, seja punido de morte".(1) O que ferir ou matar um homem, seja punido de morte. (...) O que ferir qualquer dos seus compatriotas, assim como fez, assim se lho fará a ele: quebradura por quebradura, olho por olho, dente por dente; qual for o mal que tiver feito, tal será o que há de sofrer."(2) Disposições punitivas em flagrante contradição com a ordenação maior do Decálogo - "Não matarás".

Registra a história que, durante a Idade Média, muitos pensadores foram excomungados pela Igreja e, com o aval ou o silêncio do monarca, condenados à morte. Qualquer avanço da ciência, que pusesse em xeque o ensinamento eclesiástico, era tido como obra do demônio e classificado como heresia. Tomás de Aquino, por sua vez, acha "louvável e salutar, para a conservação do bem comum, pôr à morte aquele que se tornar perigoso para a comunidade e causa de perdição para ela". (3)

Pesquisas indicam que a maioria da população é favorável à implantação da pena de morte, porém, cremos que o argumento das pesquisas não é legítimo. Não podemos esquecer o exemplo daquele governante romano, em cidade estrangeira (Pilatos), que realizou um plebiscito, supostamente, democrático para sentenciar o destino de um Operário (Jesus), de, apenas, trinta e três anos de idade, e, com isso, O entregou à pena de morte... (4)

O respeito pelos direitos humanos nunca deve depender da opinião pública, sujeita a muitas instabilidades. Vários estudos demonstram que a opinião das pessoas muda, completamente, quando elas têm um conhecimento melhor dos fatos. Há aqueles que insistem na tese da Pena Capital, com o chavão da "legítima defesa da Sociedade", contra os altos níveis de criminalidade, visando estabelecer a maior "segurança" dos cidadãos indefesos, diante da violência. "Será ilusão infeliz e criminosa a instituição de um Estado homicida e uma Justiça assassina, para viabilizar a paz social através da crueldade e do

desforço".(5)

A experiência tem mostrado que a pena tem sido aplicada contra as minorias sociais e contra os pobres, aos quais sempre se associa a imagem da violência. Segundo Chico Xavier, - "a pena deveria ser de educação. A pessoa deveria ser condenada, mas, a ler livros, a se educar, a se internar em colégios ainda que seja, vamos dizer, por ordem policial. (6) Onde a pena de morte é instituída, não há redução nos índices de criminalidade".

Para o Hélio Bicudo, - "Polícia e as organizações para policiais - os esquadrões da morte e os justiceiros matam, impunemente, nas cidades e nos campos, se a pena de morte tivesse algum conteúdo intimidativo, ou seja, funcionasse como elemento de prevenção geral, os delitos violentos no Brasil apresentariam índices de incidência cada vez menores. Mas, as evidências negam essa hipótese".(7)

A Pena de Morte não livra a Sociedade da ação maléfica do delinquente condenado. Matar criminosos não resolve: eles não morrem. Eliminar o corpo físico não significa transformar as tendências do homem criminoso. Seus corpos descerão à sepultura, mas, eles, Espíritos imortais, surgirão vivos e ativos, pesando, negativamente, no ar que respiramos. O que equivale a afirmar que o criminoso executado ganha o benefício da invisibilidade e passa a assediado pessoas com tendência à criminalidade, ampliando-a, causam estragos no psiquismo humano, na medida em que as pessoas se mostrem vulneráveis, psiquicamente, à sua influência. Por essa razão, ensina o Espírito Humberto de Campo, em "Cartas e Crônicas": - "um assassinado, quando não possui energia suficiente para desculpar a ofensa e esquecê-la, habitualmente, passa a gravitar em torno daquele que lhe arrancou a vida, criando os fenômenos comuns da obsessão; e as vítimas da forca ou do fuzilamento, do machado ou da cadeira elétrica, se não se constituem padrões de heroísmo e renúncia, de imediato, além-túmulo, vampirizam o organismo social que lhes impôs o afastamento do veículo físico, transformando-se em quistos vivos de fermentação da discórdia e da indisciplina".(8)

Afora os argumentos doutrinários, a pena de morte esbarra no erro judiciário, obstáculo intransponível, eis que torna a sanção irreparável. "O assassinato legal pelo Estado é negação do Estado Democrático, cuja primeira função é garantir a vida e a liberdade".(9) Somente, investindo-se no homem, em especial, em educação e saúde, melhorando-se a distribuição de renda e aprimorando-se o funcionamento da polícia e da justiça, poderemos controlar melhor a

delinquência.

Jesus veio ensinar e exemplificar a verdadeira lei de Deus. Pregou o amor, o perdão e a tolerância. Todavia, apesar dos excelsos e serenos ensinamentos do Mestre, os legisladores e os juízes continuaram mandando matar. Richard Simonetti, em seu livro "A Voz do Monte", lembra que - "Se abrimos um ovo choco, sentiremos náuseas, ante o mau cheiro exalado por aquela parte viscosa. Porém, o que nos parece decomposição é, apenas, transformação, ou antes, o que nos parece repugnante é, apenas, o berço de uma nova vida, que desabrochará, em breve, repetindo a beleza e poesia, sempre sublimes, do pintinho que rompe a casca do ovo." O homem também é assim: se analisado em suas tendências, parecerá pouco atraente e, até, repulsivo, quando comprometido com o mal. É que, de certa forma, também estamos em processo de gestação no ventre da natureza. Mas, potencialmente, somos bons, fomos criados para o bem, tanto que somos, realmente, felizes apenas quando o praticamos".(10)

O progresso social - observa Kardec - ainda, muito deixa a desejar. "Mas, seria injusto para com a sociedade moderna quem não visse um progresso nas restrições postas à pena de morte, no seio dos povos mais adiantados, e à natureza dos crimes a que a sua aplicação se acha limitada".(11) "A Associação Médica Britânica opõe-se à pena de morte em todo o mundo".(12)

No Brasil, esta pena foi abolida para os crimes comuns em 1979. Mas, "pena de morte foi, largamente, utilizada e aplicada no País até a segunda metade do século XIX, quando, por um erro judiciário, ocorreu a morte de Mota Coqueiro, em 1855, em Macaé, que abalou a população e impressionou o Imperador que passou, a partir daí, comutar a pena de morte, sistematicamente, não autorizando a execução de mais ninguém, transformando em penas de Galés perpétuas, devendo serem removidos às galeras para remarem, até o último de seus dias".(13) Este triste episódio foi um marco na história da pena de morte no Brasil.

O mundo está amadurecendo sobre esse tema, senão, vejamos: "O Estado de Nova Jersey - EUA tornou-se o primeiro Estado americano a abolir a pena de morte por decisão legislativa, desde que a Corte Suprema do país restituiu a prática, em 1976. Houve 53 execuções em 2006 nos EUA, menor número em dez anos - e que deve cair, ainda mais, em 2007. O Centro de Informações sobre a Pena de Morte estima que as condenações à pena capital caíram 60%, desde 1999." (14)

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotados pela Assembléia Geral das Nações Unidas, em Dezembro de 1948, em resposta ao terror e brutalidade de alguns governos, reconhece o direito de cada pessoa à vida, afirmando, ainda, que ninguém deverá ser sujeito à tortura, ou a tratamento, ou castigo cruel, desumano e degradante. Este ano, uma Resolução sobre uma moratória à prática da pena de morte foi adotada pela Assembléia-Geral das Nações Unidas. Mais da metade dos países do mundo já aboliu a pena de morte da lei ou, pelo menos, na prática. A tendência é a de que mais países optem pela abolição. "A aprovação definitiva, pela Assembléia Geral, (formada por 192 estados membros) teve 99 votos a favor, 52 contra, 33 abstenções e 8 ausências. A resolução abre caminho para a abolição da pena de morte e a proteção dos Direitos Humanos no mundo".(15)

A injeção letal, que se pensava poder matar sem dor, foi estreada, em 1998, na Guatemala, com uma execução, em que o condenado demorou 18 minutos a morrer, e essa barbárie foi assistida por transmissão direta, pela televisão. A decapitação provoca imensa perda de sangue. A eletrocução provoca um fétido odor de carne queimada. O enforcamento provoca movimentos de desespero e sons angustiantes. Todas as formas de execução são cruéis e desumanas.

Adverte Emmanuel - "Desterrai, em definitivo, a espada e o cutelo, o garrote e a forca, a guilhotina e o fuzil, a cadeira elétrica e a câmara de gás dos quadros de vossa penologia, e oremos, todos juntos, suplicando a Deus nos inspire paciência e misericórdia, uns para com os outros, porque, ainda hoje, em todos os nossos julgamentos, será possível ouvir, no ádito da consciência, o aviso celestial do nosso Divino Mestre, condenado à morte sem culpa: "Quem estiver sem pecado, atire a primeira pedra!"(16) (grifamos)".

"Há outros meios de se preservar do perigo, sem matar, e é necessário, aliás, abrir e não fechar ao criminoso a porta do arrependimento".(17)

Creemos que o assunto pena de morte seja fastidioso e interminável. Defender tal prática tem o dom de obscurecer todos os dados do problema. A democracia exige que pensemos e implantemos, imediatamente, políticas alternativas. Caso contrário câmara de gás, cadeiras elétricas, forcas, injeções de veneno, nessa situação de degenerescência social e desrespeito à lei, serão de nenhuma valia. "A pena de morte desaparecerá, incontestavelmente, e sua supressão assinalará um progresso para a humanidade. Quando os

homens forem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida da Terra".(18)

#### Referências bibliográficas:

- (1) (Êxodo, 21:12 o 15.)
- (2) (Levítico, 24:17, 19 e 20.)
- (3) Fonte: (Suma Teológica, Questão LXIV, Art. 11.)
- (4) Transcrito de "Reformador", per. 170, junho de 1993.
- (5) Transcrito de "Reformador", pág. 290, outubro de 1981.
- (6) Xavier, Francisco Cândido. Mandato de Amor, MG: Ed. União Espírita Mineira, 1992.
- (7) Bicudo, Hélio. Sobre a pena de morte, Violência - o Brasil cruel e sem maquiagem, São Paulo: Ed. Moderna, 1994, pág. 84 a 96.
- (8) Xavier, Francisco Cândido. Cartas e Crônicas, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1999.
- (9) Fonte: Universo Espírita João Benedito de Azevedo Marques "Jornal Espírita" - Junho de 1991
- (10) Simonetti, Richard. A Voz do Monte. Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2003.
- (11) Reformador N° 1806 - Setembro, 1979 Transcrição: Flávio Pedrina Filho.
- (12) Política adotada pela AMB, Julho de 2001 (a AMB é uma associação de médicos do Reino Unido, com mais de 123 mil membros).
- (13) Luiz Flávio Borges D'Urso. Pena de morte - o erro anunciado, disponível em acessado em 22/12/2007.
- (14) Disponível em acessado em 14/12/2007.
- (15) documento publicado pela ONU (16.11.2007)
- (16) Xavier, Francisco Cândido. Religião dos Espíritos, Ditado pelo Espírito Emmanuel, cap. 50, Rio de Janeiro: ed. FEB, 2001
- (17) Kardec, Allan. Livro dos Espíritos. Rio de Janeiro: Ed. FEB, 2003, questão 701
- (18) idem, questão 760.
- (\*) Sobre a pena de morte, à luz do Espiritismo, há um livro clássico do professor Fernando Ortiz, da Universidade de Havana, denominado "A Filosofia Penal dos Espíritas", em que o autor faz um

estudo jurídico, analisando as escolas penalógicas em confronto com os ensinamentos constantes de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec.